

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA 1ª DE MARÇO, 28.

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALTER RIBEIRO

DIRECTOR — DÓMINGOS OLYMPIO

GERENTE J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

A impressão do accórdam do Supremo Tribunal, abrazado de santo zêlo pela inviolabilidade do domicilio, foi de panico para uns, de gáudio para outros, conforme os campos de opiniões, em que se entrincheiram os adeptos das idéas vencedoras, convencidos pelos factos, pelas indicações da sciencia, ou os séctários da rotina fórrada de preconceitos veneraveis, muito carôaveis ás tendencias de opposição em todos os terrenos, sob todos os pretextos.

A palavra augusta, caída da acrópole da justiça, foi uma consagração da resistencia aos esforços de saneamento da cidade, limpeza que todos anhelam, com tanto que seja feita sem desinfecção, sem expúrgos, sem ácido phenico, sem enxôfre, que constituem cruéis violencias aos narizes, aos pulmões e, sobretudo, aos habitos de uma parte da população, encharcada na soberania da sujidade, e, cégamente, embuçada na convicção de que a gente morre quando a hora é chegada, ou quando Deus quer.

Ninguem se insúrge, francamente, contra a idéa de jugular as epidemias tradicionaes que eram o nosso padrão de vergonha, de relaxamento, de descrédito; mas, ha uma porção de séveros respeitadores da Constituição, de defensores encarniçados dos intangiveis direitos individuaes, que repêllem como um crime as medidas essenciaes para a consecução dos fins por todos almêjados. Limpem-se as ruas: atérrem-se os pantanos; promôvam-se todos os meios de limpeza exterior, para que se vêja e brilhe, aos raios do sol tropical, o nosso asseio, para que todos vêjam essa prova matêrial de nossa cultura, mas respeitem-se os interiores immunodos; consêrvem-se sob a égide da Constituição os focos de peste, de contágio que constituem uma terrivel arma de

opposição, quando explódem, devastadores, ceifando milhares de vidas e ornamentando de lucto, de orphandade, os lares, onde a morte apagou as claridades da ventura.

Quando a cidade era açôitada pelo terrivel flagêllo da febre amarella, os séctários da hygiene exterior gritavam contra a desidia do governo, preocupado com a politica e olvidado da preciosa saúde do pôvo, condemnado a morrer á mingoa; o governo era culpado de peřmittir o desenvolvimento dos germens terriveis a expulsarem do nosso sólo abençoado, a emigração, o crédito, os elementos essenciaes ao progresso. Quando o governo se decide a defrontar, energicamente, os males fautores do máu-estar, da miseria, do entôrpecimento do pôvo, gritam contra as violencias, que se redúzem á execução de um regulamento, que poderá ser inconstitucional, defeituoso sob divêrsos pontos de vista, mas obrigatório, emquanto não fôr emendado, reformado ou revogado pelos meios legais.

Essa hygiene exterior está muito de accôrdo com os povos fracos e novos, não libertados ainda da influencia perniciososa do fetichismo sélvagem, perpetuado nas veias da nossa rãça pelo sangue do sélvagem, do africano e do elemento ethnico colonizador, que não foi, certamente, recrutado no escól da metrópole.

Os cubanos damnavam com as medidas de saneamento dos higienistas norte americanos; os semisélvagens das Filipinas refúgaram, com igual fúria, todos os beneficios de saúde e civilização que os conquistadores lhes offerciam; os néohespanhóes do Panamá estão fúriosos com a vaccina obrigatória, com o saneamento das miseraveis cidades, estacionárias, como tapêras malditas á margem de pantanos venenosos; e, até em certa zona do continente, no coração dos Estados Unidos da America, houve crúa opposição á guerra sanitária ás novas idéas de prophylaxia, in-

fligindo aos mata-mosquitos de lá, máus quartos de hora. Entretanto, graças ás dôces violencias dos providenciaes agentes da saúde, Cuba está restaurada da pécha de fóco de fébre amarella; as Filipinas estão progredindo, em trez annos, mais do que em trez séculos de domínio hespanhól, de frades e capitães-móres, e o Panamá, agraciado com as prerógativas de Estado soberano, está se limpando para o papel de empório da grandiosa via maritima transoceanica, completando o humanitário sonho de Lesseps — *abrir a terra aos povos*.

Não se póde, a menos que predominem os effeitos de túrra incoércivel, negar que esses extraordinários beneficios compensem largamente as violações aos lares inféctos, onde se encastêllavam a ignorancia e os preconceitos ou os instinctos de resistencia ao que tem o repugnante cheiro de obrigação em proveito commum, porque não se dêve admittir que um cidadão sêja obrigado pelos *esbirros* da hygiene, pelos *cafagêstes de esmeralda* a limpar a sua casa para que não sôffram os visinhos, para que não sôffra uma cidade inteira. Para satisfação dos preceitos da moral publica e attestado dos nossos créditos de limpêza, basta que o exterior estêja lavado, pintado, adôrnado com brilhantes côres, porque, em geral, todos vivem para a galêria. Gastam-se contos de réis no frontespicio das casas, com arabêscos horriveis, figuras de gêsso monstruosas, monogrammas pomposos, cães, leões e griphos, em bestiaes attitúdes de esphynges; mas, a casa não tem um banheiro decente, nem uma latrina inodóra. E os agentes da saúde publica nada têm com isso, porque, no interior do lar, inviolavel e sagrado, quem manda é o dono da casa, absoluto senhor dos seus narizes.

Para que um individuo parêça gente que se láva, basta trazer collarinho e punhos alvos, bótas lustrosas, casáco e calças bem escovados: ninguem tem

o direito de penetrar ás intimidades do traje para saber se a camisa, as ceroulas, as meias accúsam semanas de uso. A inviolabilidade da porcaria domestica é tão sagrada quanto essa inviolabilidade do chulé.

Essa resistencia aos beneficios das idéas novas, ás conquistas da sciencia não é, felizmente, defeito peculiar da nossa raça, muito dócil e assimilavel: todos os povos têm o seu resquicio de selvageria transportada pelo atavismo, e são mais ou menos fetichistas e muito preguiçosos para o trabalho de mudar de opinião. E esses defeitos não se nótam, sómente, nas classes menos cultas: ha medicos que não acreditam em micróbios, que desdénham a asépcia e não trépitariam em dilatar o furunculo de uma creança com um canivete que acabásse de opélar um syphilitico; ha gente de alto valôr mental, que não consentiria fôsse curado com banhos frios um parente atacado de febre typhóide, apesar da demonstração eloquente dos factos mais positivos.

Não é, portanto, estranhavel que haja, ainda quem, por obsessão séctaria, por ignorancia ou opposição systematica, contéste os brilhantes resultados dos procéssos hygienicos, consagrados, na theoria e na pratica, por todo o mundo scientifico.

*
* *

Mas, voltemos ao venerando accórdam, o pé de cantiga, que ameaça transfôrmar-se em berraria contra o governo.

Ha quem diga, com um horrôr de razões, tão juridicas quanto a do accórdam, que a stricta execução de um regulamento, proveniente de auctorisação legislativa, não pôde constituir violencia, cmquanto os executores lhe não excederem as raias; porque, se o regulamento tem o vicio organico de inconstitucionalidade, não será violencia aos direitos do cidadão executal-o, emquanto não fôr revogado pelo poder competente. Esse poder poderá ser o Supremo Tribunal, que tem attribuição para isso, mediante o procésso especial.

O *habeas-corpus* é o meio salutar de reparação das injustiças, das exórbancias dos agentes do poder contra a liberdade do cidadão, mas não é, absolutamente, o meio de obstar violencias das leis e regulamentos. E assim tem

decidido o proprio Supremo Tribunal, numa longa série de sentenças, que illústram a jurisprudencia federal.

POJUCAN

FARIAS BRITO

IV

Seguramente, a *Finalidade do mundo* é a obra mais vasta entre quantas podem dar testemunho da nossa capacidade, do poder mental da raça na investigação dos phenomenos mais complexos e mais elevados que incidem sob o espirito humano. O dr. Farias Brito já publicou em 1895 e em 1899, os dois primeiros dos trez volúmes que devem constituir toda a obra, sem contar um trabalho especial, que prométte, sobre philosophia critica.

Para se fazer idéa da extensão desta obra, é bastante apanhar-lhe bem a nitida synthese, fórmulada pelo auctor e impréssa no frontespicio do I volume, como um desdóbramento do titulo geral:

« A theoria mais importante que até hoje tem sido propôsta como explicação da natureza é a theoria da evolução. O auctor se propõe a mostrar que essa theoria não basta, que á theoria da evolução é preciso acrescentar a theoria da finalidade. A fórmula geral do unívsero deve ser, não *fôrça e matéria*, mas *movimento e pensamento* ou *evolução e finalidade* ».

Dês dahi, se coméça a vêr que a cerebração com que se encontra o nosso espirito é incontestavelmente de um grave pensador. No prefácio deste I volume, desenvolvendo ou explicando a estrutura dessa grande synthese, divide elle toda a obra em trez partes, assim delimitadas:

I — a philosophia como actividade permanente do espirito humano;

II — os dois grandes métodos da philosophia moderna; e

III — a theoria da finalidade.

No prefácio do segundo volume, teve que fazer uma ligeira modificação no plano primitivo. A segunda parte da obra se tórna tão ampla que foi preciso dar-lhe um titulo mais proprio. O exame, que a principio se havia propôsto, das duas grandes correntes modernas — a metaphysica e o positivismo — assumiu proporções de um largo inventário de todo o espirito humano durante o periodo que decórre da Idade Média até os nossos dias. E tão extensa ficou esta parte que o auctor teve necessidade de destacá-la para fórmr uma obra separada.

Comquanto assim distribuidas as matérias e fórmndo cada parte uma obra distincta, a *Finalidade do mundo* apresenta, no seu conjuncto, o mais ir-

recusavel carácter de unidade fundamental, como é fácil de reconhecêr pelo respectivo summário. E' o auctor mesmo quem diz ainda melhor:

« Como se vê pela simples disposição das matérias, obedece o trabalho a uma ordem lógica e necessária, sendo que cada uma de suas partes tem por objecto uma questão distincta, mas estão todas ellas tão intimamente ligadas que cada uma pôde ser considerada como a consequencia immediata da precedente, e todas não fórmam senão aspectos differentes de uma só e mesma questão fundamental ».

O III volume da obra deve ser o mais importante e elle proprio o declara, depois de examinar as questões dos dois primeiros. Mas, como, ao que se vê pelo desenvolvimento historico do pensamento, quasi de todo negativo é presentemente o resultado das idéas, porquanto o que hão feito os maiores espiritos desde a Renascença até nossos dias, não tem sido senão promover a dissolução das crenças tradicionaes da humanidade — outra questão surge: como reconstruir o futuro? — E' ao exame desta questão que se destina a terceira parte desta obra ».

E', portanto, este terceiro livro, que, segundo estou infórmodo, já se acha no prélo, que tem de dizer-nos a palavra definitiva sobre a personalidade do auctor. Sim, porque os dois já publicados fallam da extensão de conhecimentos, da vasta cultura, da dialéctica serena e firme, do método, da escrupulosa disciplina mental, da grande isenção de ponto de vista, do estylo sóbrio e elegante e de outras muitas qualidades *technicas*, por assim dizer, do auctor com que enfrentámos.

Agóra, da sua independencia espectral, da sua originalidade, do seu poder créador, da coragem propria com que se érgue deante da natureza para encarál-a conscienciosamente e para júlgál-a e entendêl-a por sí mesmo — é, certamente, o terceiro volume que nos váe dizer.

Antes que nos chégue, no entanto, o construtor, não se pérde nada (pelo contrario!) em vêr com que aptidões prométte elle vencer a taréfa collossal, e de que ordem e de que prêço são os matériaes de que se váe servir.

Notemos logo a lógica profunda e sólida com que elle dispôz, numa ordem perfeita, os elementos da obra, ou antes as trez partes da vasta concepção.

I volume — Neste livro, trata o dr. Farias Brito de difinir a philosophia, de assignar-lhe os limites e a connexão com outros conhecimentos. Para sentir a alma com que elle encéta a obra que « o absórve de tal modo » que tudo na vida lhe anda prêso a esse grande pensamento», lêia-se este trêcho ma-

gnífico que elle põe como epígrafe a esta primeira parte, ou, antes, á guisa de inscripção num pórtico ante o qual não se chega sinão dominado de um pouco do incendimento de que elle se agita :

“ Quando uma éra nova dêve começar e uma antiga desaparecer, é preciso que duas grandes coisas se combinem : uma idéa moral capáz de inflamar o mundo e uma direcção social bastante poderosa para elevar de um gráu considéravel as massas opprimidas. Isto não se opéra com o frio entendimento, com systemas artificiaes. A victória sobre o egoísmo que québra e isóla, e sobre o zêlo dos corações que mata, não será alcançada sinão por um grande idéal que apparecerá como um « estrangeiro vindo do outro mundo », o qual erigindo o impossivel, fará sahir a realidade fóra dos seus eixos. (LANGE — *Historia do materialismo*).

Eis ahi com que ufanía e alácridade espiritual váe este homem immérgir nas profundezas do univérso !

ROCHA POMBO

DESASTRES DA IGNORANCIA

Sob o titulo, muito expressivo, « *Ils ne savaient pas* . . », Ludovic Naudeau, o magnífico correspondente do *Le Journal*, indica, com a segurança de testemunha dos episódios da guerra, as causas das victórias japonezas, resultantes, principalmente, da extraordinária instrucção militar dos chefes e subaltérnos, todos perfeitamente conhecedores do seu officio.

Emquanto os méstres de táctica não fornecêrem eruditos estudos dessa guerra, sem precedentes na historia, será muito interessante a narrativa dos feitos homéricos, feita por aquelle correspondente, que allia á bravura, á investigação incansavel, um admiravel estylo.

O ATAQUE DE TOU-MOUIN-LING

Mukden, 20 de novembro

Entre os talhados da montanha, na sinuosidade dos válles, sob as cristas erriçadas de blócos cõr de sangue, sob as muralhas de granito calcinadas pelo sól dos séculos, a batalha se desenvolvia movêdiça, infórme, illimitada.

E os canhões martélavam, perfuravam, comprimiam, laminavam o espaço, com ruídos de fôrja titanica. E as batêrias atiravam longas salvas para o que não viam ; os projectis caíam sem se saber donde : era a lucta do espaço e da extensão, lucta do mys-

térioso, do invisivel. E havia dois dias e duas noites, a fuzilaria crépitava incessante, monótona, angustiosa: dir-se-ia que uma prodigiosa borrasca de saraiva caía sobre um sólo magicamente sonóro. Era o dia 11 de outubro, com Stakelberg.

Súbitamente, ao sul, por tráz do mais alto e maissélvagem dos montes, que fórmam a convulsiva cordilheira, cujo contórno o nosso exército ladeava, em um vâlle, occúlto aos nossos olhares sómente pelos rochêdos lascados, asperêzas intransitaveis desse colôssio, rebentou, de golpe, uma fuzilaria semêlhante ao rumôr do mar, ampliando-se, a cada segundo, e rolando ao nosso encontro, como poderosa onda de maré, como uma avalanche. Percebemos que a infantêria, lançada á vanguarda, fazia um fôgo furioso contra as posições, donde partiam uma tromba de projectis.

— Que se passou ? Todos sabiam : começou o atáque do terceiro cõrpo.

Emquanto o primeiro cõrpo siberiano combatia encarniçadamente, de frente, os defensôres obstinados do desfiladeiro, que impedia a passagem de todo o exército de Stakelberg para os válles, por onde se esperava pudesse este se precipitar em um atáque pela réctaguarda sobre o grosso do exercito japonéz, o terceiro cõrpo siberiano avançara parallélamente a nós, e se lançara tambem para a passagem, que abordára de flanco, pelo lado que se suppunha mais vulneravel. Quanto tempo durou isso ? Meia hora apenas. Houve um cyclône de descargas : o ar, revolido em vibrações estranhas, rúgia, como se efflúvios magnéticos irrompêssem no espaço ; houve um paroxismo pavoroso, um rebôjo de rumôres, durante o qual ouvimos, anciosos, as metralhadoras japonezas descarôçarem, automaticamente, com uma cadencia de machina de costura, seus rosários de projectis.

Era o assalto. Mas, muito rapido, o tumulto se attenuou ; a fuzilaria tornou-se menos intensa, e adivinhámos que a vaga humana, depois de se desmanchar sobre o dique, que nos reprê-sava, rebentára ; comprehendemos que, domada, arrastada por um reflúxo súbito, ella se esvaía ao longe.

O atáque do 3.º cõrpo fóra repellido.

Do que acontecêra de tráz da montanha, nada víramos, mas adivinhámos, comprehendêramos, sentíramos. Os que acompanhavam, sem combater, o 1.º cõrpo siberiano, haviam, immóveis, crispados, palpitantes, as unhas enteradas nas palmas das mãos, ouvido os échos desse drama fulgurante ; e comprehendendo, então, que a miragem da victória, mais uma vêz, se desvanecêra, voltavam com tristeza os olhos para as posições onde o 33.º, o 34.º regimentos siberianos continuavam sua obstinada fuzilaria.

A GUERRA PHANTASMAGORICA

Eu fóra admittido no estado-maior de um dos generaes do exército russo. Elle e seus officiaes estavam acocórados entre pedras e úrzes de uma crista, donde lhes era fácil contemplarem o que parecia ser o conjuncto das posições japonezas. Uma batêria inimiga se estabelecêra perto delles, e o observador, que lhe dirigia o fôgo dêveria estar escondido em abrigo singularmente escolhido, porque ella fazia grandes estrágos nas fileiras russas, se bem que atirásse devagar, com grandes interrupções de silencio.

Dois projectis japonezes, dois apenas, sibillaram acima da colina, onde o general russo se installára ; e, depois de a contornarem, rebentáram com precisão diabólica no vâlle, entre os refórços, que chegavam em fileiras cerradas. Trinta homens caíram : foi tudo, e a batalha continuava.

Está ahi bem esbôçado o traço predominante da guerra moderna: um general que se estabeléce num cúme, cuidadosamente escolhido para derigir as suas tropas ; combate-se, furiosamente, a dois ou trez mil metros deante delle ; projectis caem a mil metros atráz desse pôsto ; o proprio general cõrre imminente perigo de ser descoberto pelos caçadores japonezes e crivado de shrapnels, morrer como o general Keller ; mas, elle nada vê, e sómente conhêce as peripécias da batalha pelas informações, que para elle convérgem a cada instante. Póde, á fôrça de observação e de reflexão, adivinhar a posição das batêrias inimigas, divisar um pico desoccupado, aonde poderia mandar a sua infantêria ; póde ter presentimentos, inspirações ; coórdenar os movimentos da sua brigada, da sua divisão ou do seu cõrpo com os do compléxo do exército ; mas, raras, afinal, são as circumstancias, em que póssa observar com os proprios olhos, com precisão, os detalhes dos acontecimentos, em que representa papel essencial. Na guerra moderna, tudo é mystérioso, dispêrsado, longinquo, invisivel, abscõndito, abstrácto : lucta de géstos, de signaes aérios, de ramificações, de communições eléctricas ou heliográficas, concurrencia de exploradores audaciosos, de observadores cheios de astúcia, de agentes de infórmações, de espiões, conflictos de intelligencias, de astúcias, de imaginações, de intuições.

Perto dos combatentes, salvo nos raros minútos, infinitamente rapidos e raros, de um assalto, apenas se vê uma trincheira, donde emérgem, sómente, cabeças e fuzís, ou uma batêria que, occúlta numa dóbra do terreno, parece, sem alvo e sem motivo, bombardêar, automaticamente, o espaço. Longe dos combatentes, no pa-

norama que se descortina, todas as minúcias se dissimulam, se desfazem; as posições da infantêria desaparecem, como se a terra as tragasse; as proprias batêrias se enterraram, escamôteadas pelo relêvo do sólo. Milhares e milhares de homens combatem e morrem no espaço, que o olhar abrange; sabe-se, ouve-se o fracasso de sua fuzilaria, mas ninguem os vê, dispersados, encolhidos em buracos. Apenas, se divisam os glóbulos de fumaça dos shrapnels, que saltam alácres para o ar como bôlhas de sabão; dá-se uma perpétua illusão de phantasmagoria, que parece confundir de propósito as leis da óptica e da perspéctiva. Certos dias, poder-se-ia affrontar a morte a cada instante, avançar sob uma sarivada de bálãs; sem conseguir outra coisa, além de minúcias infimas, destituidas de importancia para o conjunto das operações.

Eis a guerra, tal qual é; a guerra invisível, sem belleza, sem pittorêscico, sem poesia, sempre fragmentária, em pedaços, infôrme, dissimulada, esparsa, sem unidade, a guerra, que desliza como serpente, sombrio trabalho, incumbencia sinistra, fâina de condemnados!

* *

Approximei-me do general, pensando no meu artigo, e perguntei-lhe o nome do desfiladeiro ante o qual estavamos, havia dias, o 1º e o 3º còrpos siberianos. Elle me contemplou perplêxo, embaraçado, reflectiu alguns instantes, e respondeu-me: que não sabia.

Não sabia; nem elle, um general, sabia... Decididamente, não sabiam nada! Quanto tempo duraria isto, quanto tempo seria possível guerrear sem saber nada? E pensei no que acabava de ser a avançada do nosso exército, o exército de Stakelberg, através dessas montanhas quasi desconhecidas, estendidas ao suêste de Liao-Yang; lembrei as hesitações dos generaes, suas confabulações múltiplas, febrís com os guias chinezes, seus collóquios com os intérpretes, os *perivotchiks* que elles exórtavam, em cada garganta, a consultar os homens do paiz para se assegurarem do caminho mais conveniente; rememorei seu despeito, seus temôres, quando verificavam ser incompleta, approximativa, mentirosa, a carta unica de que dispunham.

Porque a 7 de outubro fez alto o exército repentinamente? Porque ficára inérte, quando o tempo urgía, e se tratava de opêrar, o mais rapido possível, um movimento envolvente, do qual dependia o succêso da batalha? Porque? Porque o general Stakelberg, sentindo pesar sobre si uma responsabilidade esmagadôra, não tinha indicações sobre o paiz, onde dêveria dirigir 50.000 homens; e, verificando

que os vâlles, em que se ia intêrnar, tinham um aspêcto, singularmente contôrnado e ameaçador, julgou dever telegraphar ao general Kuropatkine, communicando-lhe suas apprehensões numa mensagem, concluída por estas palavras: Na carta do estado-maior, em vez das montanhas que se érguem deante de mim, encontro uma mancha branca.

Lembrei-me, tambem, das primeiras illusões dos generaes, a crença que, a principio, parecêra unânime, no exército de Stakelberg, de que os japonezes se retirariam, lentamente, ante a vanguarda russa até ao rio Tatscho; veio-me á memória a admiracão, a inquietação desses generaes, quando aquella vanguarda se chocára, de súbito, contra um desfiladeiro, cuja existencia o estado-maior russo não ignorava, mas cuja configuração e visinhanças lhes eram totalmente desconhecidas, um desfiladeiro que se revelava inexpugnável. Esse desfiladeiro era o *Tou-Mouin-Ling!*

PAGINAS ESQUECIDAS

MORS-AMOR

Esse negro corcél cujas passadas
Escúto em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galópe, me apparece
Da morte nas phantasticas estradas

Donde vem elle? Que regiões sagradas
E terríveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhes estreméce
Não sei que horrôr nas crinas agitadas?

Um cavalleiro de expressão potente,
Formidável, mas plácido, no pôrte,
Vestido de armadúra reluzente,

Caválga a féra estranha sem temôr,
E o corcél negro diz: « Eu sou a Morte! »
Responde o cavalleiro: « Eu sou o Amor! »

ANTHÉRO DE QUENTAL

* *

A ARTE SATYRICA EM PORTUGAL

BORDALLO PINHEIRO

Acabo de receber o numero do *Antonio Maria*, publicado hontem, com a declaração de que nelle finda a série desses folhêtos semanaes, que durante seis annos consecutivos, sem interrupção de uma semana, tivêram em constante evidencia perante o publico — umas vêzes enthusiasnado, outras vêzes suspenso, outras cançado de uma tão resistente vitalidade — a veia inexaurível e a fecundidade maravilhosa do lapis sátyrico de Raphael Bordallo Pinheiro.

O conflicto dos representantes da imprensa com as auctoridades de Lisboa, a propósito da organização de um

bando precatório, em beneficio das victimas dos terremotos da Andaluzia — conflicto de que lhes dei noticia na minha ultima carta — parece haver determinado esta súbita resolução do proprietário do *Antonio Maria*, que com as seguintes palavras termina as explicações dadas sobre tal assumpto:

« Foi de balde que, numa reunião de jornalistas, onde ia tratar-se da caridade, que é muito, e da dignidade da corporação, que tambem é alguma cousa, da dignidade da corporação manchada, a meu vêr, pelos altos poderes do Estado; foi de balde que eu procurei jornalistas!

Mais ou menos, ninguem o era!

Um era official do exército, primeiro de que tudo; outro era amanuense de secretaria, primeiro de que tudo; mais outro era deputado, primeiro de que tudo; e só eu — pobre de mim — não era nada daquillo para ser unicamente jornalista.

Eis, pois, a minha dolorosa situação.

Eu não pertenço ao ajuntamento dos jornalistas, por isso que estou sózinho e não ha ajuntamento só duma pessoa; eu não pertenço ao grupo monarchico, porque este me chama revolucionário; eu não pertenço ao partido republicano, porque este mealcunha de VENDIDO!

Nestes termos, não podendo ser nem politico, nem jornalista, vou fazer-me simplesmente operário — o que, afinal de contas, talvez venha a ser mais alguma cousa.

Assim, considerando que este paiz pertence a sua magestade el-rei;

Considerando que a Caridade é, praticamente, propriedade de sua magestade a rainha, que a exerce, e, theoreticamente, da actriz Rosa Damasceno, que a descrêve (vide pensamentos dos artistas no jornal *A Tragedia*);

Considerando que ambas essas cousas e tudo mais são egualmente propriedade do sr. Fontes;

Considerando que o partido progressista o que tem de mais limpo, são os accôrdos com o partido regenerador;

Considerando que o partido republicano tem a sra. Angelina Vidal e,

Considerando, finalmente, que o jornalista não têm aquella cousa que faz córar as donzellas da Baixa, quando os namorados lhes pedem um beijo á furtadéllas:

resolvi entêrrar o *Antonio Maria*, sentindo-me muito vaidoso pelo vêr em questão de dignidade, descer á cóv de palmito e capélla.»

Não entrarei no exame dos factos nem na analyse dos argumentos d' duzidos, com mais ou menos logic por Bordallo Pinheiro, para pôr tern ao seu periodico. Essa questão é, resto, inteiramente secundária. O que é importante para a historia do jornalismo, para a historia da sátyra.

para a historia da arte portugueza, neste seculo, é que o *Antonio Maria acabou*. Os que não vêem neste acontecimento senão uma trégua appetecida á successão de ir reverencias que nessa revista affligiam e moléstavam periodicamente o doce aconchego pacifico das nossas pobres vaidades, vêem tão pouco, e vêem tão mesquinamente nos factos do espirito, que eu, do mais intimo do meu coração, lhes dou toda a minha lástima, juntamente com os meus parabens por esta nóva.

O *Antonio Maria* não é uma obra de philosophia, nem uma obra de educação, nem uma obra de misericórdia. É uma obra d'arte. Assim considerado, é absurdo perguntar se elle é jústo, se é logico, se é fino, se é discreto. Ninguem tem direito a exigir d'elle senão uma cousa: — que seja bem desenhado. A esta exigencia, por mais severamente que a formúlem, corresponde elle da maneira mais victoriosa.

Bordallo Pinheiro é o mais extraordinário caricaturista que eu conheço. Gavarni é mais profundo, Busch é mais comico, Cham é mais espirituoso; alguns poderão ser mais subtís e mais amaveis; ninguem é tão desenhista como elle; ninguem, como elle, possúe a arte do retráto, que é a próva suprema da exactidão da linha; ninguem, como elle, sabe surprehender e registrar, de um traço, toda a expressão que é suscéptivel de assumir a figura humana. Dir-se-ia que é na propria alma do individuo que elle tem o segrédo de embeber o bico do seu lapis, para fazer o mais ligeiro *croquis*.

Em vêz das linhas do rôsto, da configuração dos olhos, da curva do nariz, do recôrte da bôcca, do modelado da cabeça, parece que é da intima, da profunda impressão moral da pessoa, que elle repentinamente se apodéra, e que redúz ao signal graphico por meio de uma espécie de transcendente e indefinivel algebrismo. Desde esse momento, elle possúe a physionomia do retráto, tão completamente e tão discricionalmente como se tivésse entre os dêdos, modelada em gutta-percha, e desenha-a em séries enórmes de variantes, sob as mais divérsas combinações de linhas que se póssam imaginar, mantendo-a sempre parecida com o original, invariavelmente semêlhante, constantemente viva: estira-a, acachápa-a, engórda-a, entisíca-a, envelhece-a, remóça-a, escalva-a, encabelleira-a, tórna-a bella, tórna-a horrenda, fál-a rir, fál-a chorar, fál-a dar bérros, dar solúços ou dar espirros, vibrar de valôr ou tremer de mêdo, ter fome, ter frio ou ter somno, hesitar, reflectir, resolver-se, desistir, embasbacar ou arremetter.

E atravéz de todas essas transformações, por entre as mais estranhas, as mais oppostas, as mais contradictó-

rias e mais phantasticas desarticulações da linha, o sujeitinho retráto é constantemente o mesmo, é sempre elle proprio, prodigiosamente sobrevivente de individualidade a todos os tratos de expressão contingente e transitória.

É preciso conhecer pessoalmente o artista, ter vivido com elle, tê-lo visto na rúa e tê-lo visto ao trabalho, na convivencia dos seus amigos e na camaradagem dos seus collaboradores, para se fazer uma idéa da sua natureza jornalística. dos seus processos technicos e dos seus pontos de vista philosophicos.

Bordallo é o mais genuino e o mais puro typo de meridional que eu conheço. O retráto d'elle mais parecido, á parte os vicios locais determinados pela contaminação ambiente, é o que fez Daudet de *Numa Roumestan*. Forte, sanguíneo, sensual, largos hombros, tendencia para a obésidade, como Courbet, André Gill e Théophile Gautier, lábio grosso e vermêlho, cabêllo crêspo e olhos negros, scintillantes e papúdos. A feição mais característica desta máscara, prodigiosamente parecida na configuração anatomica com a de Goya e com a de Daumier, é a linha consideravelmente accentuada e longa do beijo superior. Champfleury, referindo-se ás analogias physionomicas achadas por elle, entre a figura do artista hespanhól e do artista francez, particularisa o desenvolvimento do beijo, tão fortemente accusado nos retrátos de Talleyrand, e o illustre critico accrescenta: «Será no lábio superior, desenvolvido como o dos macacos, que resíde a revélação physiologica do espirito sátyrico? Os physionomistas nada dizem a este respeito. Numa sciencia tão arbitraria que não chega a ser sciencia, trez pormenóres préstam-se a tantas controvérsias que só adquirem importancia, quando apoiados em analogias, e estas são notaveis nos dois méstres, cujo parentesco julgo ter entrevisto.» A figura de Bordallo confirma exactamente a observação feita pelo erudito historiador da *Caricatura Moderna*.

Nos retrátos de Bordallo, principalmente naquelles em que elle figura sem bigóde, o comprimento do beijo superior accusa-se com pronunciada evidencia, e, cotêjando um desses retrátos com o medalhão de Daumier, feito por Michel Pascal, e com a gravúra de Goya, feita por elle mesmo na primeira pagina dos *Caprichos*, a semelhança dos trez artistas é tão flagrante, que Bordallo e Daumier parecem dois filhos gêmeos do immortal iniciador da pintura sátyrica do nosso tempo.

Ha poucas noites ainda, no theatro de S. Carlos, emquanto uma cantôra no proscenio concentrava em si todas as attenções da sala, eu me occúpei, do

fundo de uma frisa de bôcca, em examinar ao óculo as divérsas expressões physionomicas do publico, pousando de frente e em meio corpo nas cadeiras da superior.

No meio dessa grande exposição de caras, pela maior parte incaracterísticas e banaes, de lindos janótas bem anédiados, corrêctos, insípidos, estreitos de tudo — de hombros, de casaca e de tésta —; entre rôstos suínos de antigos burocratas, fuínhas de papelada official, gallináceos de parada militar, os graves tocheiros decorativos de salão de embaixada; a accentuada figura d'elle, energicamente modelada, de uma sólida carnação á Van der Helst, corôada por uma espessa juba leonina, a cabeça alta, um vidro no olho, uma grande rósa na lapélla, destacava de tudo mais com o contráste de um sêr palpitante e vivo, no meio de uma galéria de personagens decêra.

Natureza de terrôr — como diz Daudet — exúberante, expansiva, *tout en dehors*, prodigalisando-se ao publico, servindo-o desinteressada e incondicionalmente ao sabôr de todos os seus desêjos, de todas as suas paixões e de todos os seus erros, em todos os enthusiasmos, em todas as alegrias, em todas as tristezas e em todas as cóleras; vivendo, por esse motivo, sempre fóra de si mesmo, distraído, a todo o momento arrancado das meditações do gabinete pelos frêmitos da rúa; elle tem atravessado a existencia, ruidosamente e ovantemente, no écho triumphal da sua eterna barcaróla, entôada a todo o pulmão e lançada em largos géstos de tribuno vencedor ás brisas da fama.

Não é uma organização philosophica, é um apparatus puramente condensador ao qual corresponde no artista um instrumento portentosamente vibrante.

Collóquem esta natureza, ao mesmo tempo recéptiva e sonóra, no seio de uma sociedade sólidamente equilibrada, com uma forte vida civil, com uma logica systematisação de idéas geraes, com tradições, com principios e com fins claramente definidos, e a obra do individuo, com taes dótes de temperamento e de espirito, será, como o *Punch* na Inglaterra, o orgão mais genuino da opinião, o écho mais fiél e mais expressivamente nacional das idéas e dos sentimentos do povo.

Em Portugal, onde a vida da nação, ha tão pouco tempo ainda, deixou de ser um monopólio dos frades e dos capitães-móres, do cléro e da côrte, onde o regímen de discussão e o systema de liberdade se iniciam apenas como um apprendizado de iniciativas contradictorias, a opinião popular acha-se por constituir.

Bordallo Pinheiro teve de inventar arbitrariamente para seu uso, o perso-

nagem symbolico de *Zé povinho*, porque na iconographia nacional não existia a imagem synthética correspondente á que exprime o cidadão *Jonathan* nos Estados Unidos, ou *John Bull* na Grã Bretanha. O typo imbecil e grotêsco de *Bertholdinho* é tudo quanto tinham na tradição como expressão pittorêsca da alma popular.

Zé Povinho é, na obra de Bordallo, uma espécie de polichinello da antiga comédia de títeres, encarregado de arrecadar as sóvas que Pierrot e Arlequin não cêssam de lhe applicar: um pouco menos idiota que *Bertholdinho*, já com um principio de capacidade para ganhar a vida como official do officio, mas não sabendo, por emquanto, ler nem escrever, nem tendo da existencia métaphysica do Estado mais do que uma noção extremamente rudimentar, nevénta e confusa. Deixou de ser exclusivamente o que serve, é tambem agóra o que paga, mas não é ainda o que pensa, o que decide e o que resolve, mais ou menos subsidiariamente, as questões relativas á marcha social. Já não é a massa inerte, passiva e amórpha. É um instrumento consideravelmente aperfeiçoado e enobrecido na producção do trabalho, mas está ainda longe de ser um factor na equação especulativa, no problema intellectual do nosso tempo.

Bordallo representa-o na sua obra tal como elle realmente é: ignórrante, sêrvil, ingenuo, bonacheirão, tomando o symbolo supremo da *albarda* como synthese collectiva de todos os phenomenos administrativos, mais ou menos baseados no impôsto, e representados ao seu espirito como outras tantas arbitrariedades de que elle é victima, e nas quaes se resúmem todas as suas relações com o poder, com a communitade, com o Estado, com o governo, com a policia civil, com a guarda municipal, com o recebedor de fazenda ou com o rei, porque, para elle, todos estes termos diversos são expressões synonymas da mesma entidade mystériora e omnipotente que o albárda.

Contra todas as várias fatalidades que a albarda symbolisa e resúme, elle não conhece senão um meio de resistencia: *atirar com a albarda ao ar*. Esta métaphora profundamente vaga a que elle nunca, em sua vida, conseguiu alliar o sentido de um unico factio preciso e claro, constitúe a encyclopédia scientifica e litterária de todas as suas idéas ácerca dos direitos do homem e do cidadão.

Sempre que attribúe idéas a *Zé Povinho*, Bordallo cáe na banalidade e na êmphase rhetórica, declama, desdiz-se, contradiz-se, e, cuidando exprimir fielmente a opinião do publico, elle não faz nessas paginas, que são a parte fraca da sua obra, senão repetir, timidamente, o êcho de um ou de outro club em que a bôa fé do tribuno e o eph-

mero entusiasmo do audictório nem sempre sùpprem a falta do convencimento philosophico ou da commoção artistica.

Constantemente inspirado no mundo exterior, incitado pelo espirito da multidão em movimento, as influencias que determinam a actividade artistica de Bordallo Pinheiro, pôdem dividir-se — se me é permittida esta classificação de physica numa questão de esthética — em influencias acústicas e influencias ópticas. Quando é pelo ouvido que elle recebe a suggestão artistica, o seu espirito raramente discrimina a verdadeira nota predominante sobre a qual o seu instrumento tem de elaborar a synthese pittorêsca da idéa e do factio.

A impressão do olhar é que não o atraiçoa nunca. A sua visão é de uma profundidade maravilhosa e de uma nitidez incomparavel. Daqui, esta conclusão: o seu talento, como o de todas as naturezas profundamente impressionaveis e genuinamente artisticas, é todo descriptivo, é essencialmente dramatico, extraphilosophico, é absolutamente alheio e independente das intenções, dos processos e dos fins da critica.

A sua funcção não é comparar factos nem filiar idéas, nem dedúzir theorias. A sua funcção é crear imagens e prodúzir emoções. Se a emoção communicada é profunda, porque a imagem é verdadeira, palpitante e viva, o artista é grande. Que impórta o valôr da these que elle se propôz, ou a circumstancia de se ter elle propôsto ou não uma these?

Quem é que, lendo ou ouvindo o *Hernani* ou o *Ruy-Blas*, se preoccupa com o intuito que teve o poeta de representar, como elle diz, nestas duas pêsas (vide prólogo de *Ruy-Blas*) *o nascimento e o occaso do sol da casa da Austria*?

O que interéssa o publico da obra de arte, é o modo como o artista a executou, não é o fim para que elle a resolveu fazer.

O grande critério infallivel na obra de Bordallo Pinheiro — e não precisa doutro — está para elle na recéptividade e na retentiva prodigiosa da sua retina.

A enórme collecção dos seus retrátos constituindo, já hoje, a mais vasta galeria de que ha exemplo na historia da caricatura européa, consta de successivos improvisos, feitos na maxima parte, de memória, sem borrão, sem apontamento prévio, no ardôr do trabalho mais tumultuoso e mais apressado, durante a apparição de cada numero do *Antonio Maria*.

Esses retrátos admiraveis, acima de toda a competencia com o que se faz em obras do mesmo genero em França, na Inglaterra, na Italia e na Hespanha, retrátos muito mais vivos, muito mais

parecidos com o original do que as proprias photographias dos personagens que representam, desenhou-os elle de um só jacto na pedra lithographica ou no papel autógrapho, entre a meia noite e as cinco horas da madrugada, em pé a um banco, sob a luz crúa e mordente do gaz, sempre á ultima hora, febricitante de préssa, escorrendo suor, com a tésta e o nariz manchado de preto pelas dedadas de crayon, fumando ávidamente cigarritos, fallando sempre, cantando, assobiando ou deitando, complacientemente, a lingua de fóra ás figuras, que ora desenhava de cima para baixo, principiando-lhes pela cabeça, ora desenhava de baixo para cima, principiando-lhes pelos pés, e que parecia saírem feitas, em arabêsco, do bico da sua penna para a superficie da pagina, assim como sáe para a palhêta o esguicho da tinta de óleo, de um tubo apertado nos dedos.

A facilidade é indubitavelmente a primeira condição caracteristica do genio. Para comprehender em que alto gráu Bordallo Pinheiro possui essa qualidade, é bom saber-se que Daumier, o caricaturista com quem elle tem mais pontos de semelhança, ia para a galéria da camara dos pares, em França, com um pouco de barro molhado, na algibeira, e era em frente dos originaes que elle modelava pacientemente, em ponto pequeno, as cabeças dos deputados e dos ministros de Luiz Felipe, depois immortalizados por elle nos desenhos das primeiras séries famosas da *Caricature* e do *Charivari*. Granville fazia innúmeros *croquis* de ensáio para cada uma das suas estampas, chegava a recórtar á tesoura e a collar em novo papel as figuras feitas, para as ampliar e corrigir de novo, e era só depois da mais lenta e penosa elaboração, que elle extraía a imagem a ferros, das linhas da phantasia, para a fazer penetrar na realidade artistica, que Bordallo attinge, directamente, de um primeiro e unico impulso, sem outro algum prepáro, sem outro esfôrço além do da memória do olhar, em que toda a imagem que elle viu uma vez, parece fixar-se mecanicamente como num *cliché* mysterioso, o qual por meio do seu lapis elle transpórta ao papel numa só mancha precisa, completa e definitiva.

RAMALHO ORTIGÃO

SCIENCIA E INDUSTRIA

CURA DO ALCOOLISMO

Um medico americano affirma ter verificado os mais extraordinários factos no estudo do alcoolismo. Depois de curiosas observações, achou uma relação,

quasi infallível, entre os defeitos da visão e a tendencia para as bebidas; e, na sua grande clinica de especialista, nunca encontrou um alcoolista que não tivesse alguma coisa de anormal nos olhos; assim conseguiu elle, curando as perturbações da visão, restabelecer da mania alcoolica doentes, que pareciam incuraveis.

* *

ALFINÊTES

Todos sabem que é immenso, extraordinário o consumo de alfinêtes, de grampos de cabêllo e agúlhas. Grózas, massos, duzias desses instrumentos, indispensaveis á mulher, desaparecem rapidamente, sem se lhes saber o destino, e poucos ou raros são os encontrados no sólo, nos assoálhos.

Um inglez achou a solução desse problema: os alfinêtes se transfórmam em pó. Grampos experimentados pelo observador, desapareceram sendo esfregados durante 154 dias; alfinêtes polidos tiveram a mesma sorte durante oito mezes; agúlhas de aço em dois annos e meio; os alfinêtes vulgáres se desfizeram rapidamente.

* *

UM VAZO DE ESMERALDA

Na antiga cathédral de Genova, tem sido conservado um vaso durante 600 annos. Essa preciosidade foi cortada em uma esmeralda de 12 1/2 pollegadas do maior diâmetro com 5 3/4 pols. de altura. Está guardada em um cófre com várias fechaduras, cujas chaves se distribuem por divérsas pessoas, e raramente se expõe ao publico.

Nessas occasiões solemnes, suspendem-na por um cordão ao pescôço de um padre e ninguem pôde tocar-lhe. Um decreto de 1475 prohibe, sob rigorosas penas, a aproximação dessa preciosa reliquia.

* *

MATERIAL PRECIOSO

Os trilhos do Mexican Gulf Railway são assentes sobre dormentes de mogno, sendo as pontes construidas de mármore branco. No oéste do Mexico, ha uma linha com dormentes de ébano e lastro de minério de prata. Os engenheiros, constructores dessa linha, não encontraram outro matêrial proximo, e acharam mais barato empregar essas preciosidades, do que importá-lo.

OS MEUS ANNOS!

Eis-me novamente a fazer annos, e bem desconfiado.. já — 71!

Septenta e um... é um modo de dizer. Si nasci em em 3 de dezembro de 1829, e devo contar annos eguaes

de 365 dias; com os 17 biséxtos, que tenho vencido, o meu anniversario, sempre recuando, está já agóra em 16 de novembro.

Nada conheço que mate tanto, como ter vivido muito. Os latinos diziam: *Senectus est morbus*. Melhor fôra terem dito: *senectus est mors*. Quando o cóstado dá nos septenta e um, já um pé está na cóva, caminho do Paraiso; dizem outros — do *Pára isso*.

Ainda sinto muito vigôr, mas de vigôr morre muita gente, quando attinge a certa idade. Córda velha não se estica.

E' jústo que, quem viveu de publico 71 annos, não se retráia no fim delles, mas se exhiba.

Pósso dizer que levei a vida na rúa, porque não ha *fôra de portas* mais completo do que a imprensa. Põe diáphano um homem inteiro. Comecei na *jornalice*. Ainda meninôte, escrevi o *Zephyro*, jornal de estudantes, com Thomaz Candido Lerak de Sá, mui lembrado collega, que foi máu soldado, pois que era muito bom poeta.

Isto fazia, estudando no Lyceu, ao mesmo tempo que trabalhava de alfaiate para mim, e como typographo no primitivo *Cearense*.

No Crato, escrevi o *Araripe* e o *Cratense*, jornaes de combate contra o bacamáрте reinante, ensinando os matútos a se desaffrontarem com *correspondencias*, que não québram *costélla*, de preferencia ao bacamáрте. Foi aquillo um processo de desarmamento, que produziu um *charivarí* medonho.

Mas valeu a pena.

Enfiando por ahi, fui redactor do *Cearense* e collaborei na *Constituição* e *Pedro 2º*. em épochas de liga entre adversários políticos. Escrevi tambem na *Gazeta do Norte* e no *Ceará*; redigi exclusivamente o *Liberal*, o *Martim Soares*, e o *Sol*, depois de Pedro Pereira. Ultimamente, rabiscava na *Republica*. Da *Fraternidade* fui a penna principal. Era um jornal contra o cléro que, por signal, foi excommungado, e, por isto, muito procurado.

Entrementes, para cada jornal, que súrgia no Ceará, escrevia qualquer cousa, ou muita cousa.

A chronica da provincia fil-a muito inteira, sendo o primeiro que nella metteu o nariz; primeiro que Theberge, e primeiro que Araripe. Fiz-me socio do Instituto Historico do Rio de Janeiro, matúto ainda e professor primário, isto, aos 33 annos, quando essa honra era muito ambicionada pela gente mais lettrada do Brazil.

Não só escrevi para sua *Revista*, como enriqueci a sua bibliothéca com documentos, os mais preciosos, sobre as antiguidades do Ceará.

Vim a demittir-me dessa sociedade; exemplo primeiro, que foi seguido pelo visconde de Taunay.

Depôsto o Imperador, senti-me fáрто

de Araripe, Homem de Mello e outros cultôres da *verdade* historica!

Não me ficou, portanto, do espirito, lado algum, sobre que não desse uma réstea da luz da imprensa. Só não me conhece o moral, que m é cégo de mais. Tenho vivido sempre ás claras, no ôlho da rúa.

Para melhor, á falta de advogado nos sertões. para os muitos processos, que os *caranguêjos* me forgicavam, entrei para o officio. Foi occasião de fazer mais inimigos; e isto me serviu muito, para andar direito. E' bom ter se sempre uma meia duzia, pelo menos; sérvem de embono, para a canôa não virar.

Diz a régra: Quem tem inimigos, não dórme.

Em ajústando as causas, tinha logo em vista, que dois têrços do honorário eram para defender, dos advérsários, os meus constituintes; o outro têrço para defendêl-os dos juizes, cousa que se dava muitas vêzes.

Querendo me fazer mal, os *caranguêjos* fizéram-no a si proprios. Comecei a ganhar muito dinheiro, que queimava em eleições contra elles.

Sempre, no fim de uma eleição, os votantes me deixavam limpo; até parte da roupa tinham conduzido!

Uma vêz, o mesmo relógio de algebeira me carregaram do tórno!

Mas, a minha clientéla dava para tudo.

Neste sarilho, não saía da arêna obrigada dos partidos. A politica é, no Brazil, o grande inconveniente de se aprender a lêr. Por todo caminho, que a gente escólha, váe dar com as ventas na politica.

E, para mim, a politica sempre trazia prejuizo. Pelo plebeísmo, que professo, sem nenhum canalhismo, e por uma audácia congenita, que me faz ver todos os homens do mesmo tamanho, atáquei quantas dynastias se succedêram no meu tempo. Luctei com os Fernandes Vieira, com os Castros, com os Alencares e com os Paula Pessôas, e muitas vêzes divérgi dos Pompeus, que têm sido os meus amigos.

Andei ás trélas com o cléro e com a trópa; nunca deixei que me pisasse nem *rei*, nem *roque*,

De quantos dominaram nesta *Judéa*, fiz-me advérsário, convértendo em injúrias, pêrdas e damnos, as honras e o ouro, que outros, por outros caminhos, recolhiam; quero dizer — fui praça *riúna* do batalhão dos tólos. Em politica, a curva foi sempre o camiuhu mais cúрто.

Atirava-me a todos os Holoférnes, que súrgiam.

Luctei com o barão do Crato, com Theodorico, com Rodrigues Junior, com Ibiapaba, com presidentes, chefes de partido, espadachins da terra, etc.

Deputado em 1868, fui depurado, arcando, sem pedir misericórdia, com

os poderosos da camara *ligueira*; e da tribuna lhes disse tanto, como se ouve na ribeira. Voltando alli em 1879, tive a honra de ser o primeiro a quebrar a unidade da Camara, censurando no *Jornal do Commercio*, o chefe do gabinete e do partido, o formidoloso Sinirbú, do qual me tinha separado na questão *Xingú*, uma villêsa official, contra a qual nominalmente votei. Vingou-se, me fazendo perder 14 contos, na liquidação da *Baturité*, todo o pecúlio que eu preparava para minhas filhas.

Era o menos.

Minha actividade, porém, não se consumia só nesse attrito, no fim de tudo, de futilissimo alcãce. Meu idéal era o alevantamento moral do Ceará, se lhe dando as ázas do trabalho, *ergo* da riqueza.

Meio operário, comecei por ministrar agua potável ao povo da Barbalha, fazendo-lhe um pôço, que ainda hoje é a sua aguáda.

Iniciei e promovi a construcção da via férrea de Baturité, organisando um syndicáto para o contrácto della, esmolando a maior parte do seu capital, contraíndo empréstimos, servindo de director e de advogado da empresa, finalmente solicitando a sua encampação, pelo governo imperial, que a levou, por fim, até á cidade de Baturité, em 1879.

Cumprir dizer aqui: deve o Ceará a Pedro 2º, pessoalmente e principalmente, esse grande beneficio. Foi grande tambem o auxilio, que encontrei para essa encampação no conselheiro Buarque, de saudosa memória, e no bom cearense dr. Castro Carreira.

Tão intensa foi, no momento primeiro, a gratidão ao principe brasileiro, que todos, neste Ceará, o julgaram digno de uma estátua!

A estátua... foi lhe rasgarem o retráto a punhal, e nem um *Pater* lhe rezarem! Ao contrario, alguns, que lhe quizeram ouvir uma missa, no Rosário, tiveram que recuar!

Fômos eu e Joaquim Bento os promotôres, na Camara, assistidos por Buarque, do crédito para o prolongamento de Canôa a Baturité. Ausentando-me do Rio, o crédito caíu no Senado; mas, aquelle bom cearense, com as suas amizades, o fez, milagrosamente, restaurar.

Quando, no entanto, se fez a inauguração do trêcho, bebeu-se á saúde de meio mundo que comeu da vérba...; a delle ficou no cópo!

Toda a bicharia technica e official teve o nome em estações e locomotivas. A mim, coube só perder aquelles 14 contos, a que tinha direito na liquidação, e ser muito descompôsto pelos advérsários politicos, passando de roubado a ladrão! Vinguei-me archivando todos os papéis da antiga Baturité, para os meus filhos e nétos.

Convidado por Morsing para fazer as desapropriações, se me pagando, respondi que só as fazia gratuitamente; e entrei na pesada e odiosa taréfa, pondo-me a côbro de novos desafôros, pela renuncia do dinheiro, sobre que corria tanta gente. Archivei os agradecimentos, que não enchiam barriga.

E vinguei-me ainda mais, um dia, entrando mui repimpado, em Quixeramobim, dentro de um wagon de 1ª classe, eu, que tinha sahido dalli, na sêcca de 1845, com 16 annos, a pé de ceroulas arregaçadas!

Dei, assim, uma taponna naquella desgraça, que me ficára pelas cóstas!

A açúdagem do Ceará, que foi propaganda minha na imprensa com o senador Pompeu, antes de todo o mundo, tive a satisfação de impulsionar quando deputado. O açúde do Quixadá, que lembra ainda Pedro 2º, foi me indicado pelo sr. José Jucá. Directamente, apresentei a idéa ao então ministro Buarque, numa memória, que me pediu, sobre os pontos açúdáveis da provincia; isto, para informar ao Imperador.

Apaixonado pela irrigação, que estudára nos fástos da India, o bom principe tinha feito vir da Europa o engenheiro Revy, para a introduzir no Brazil, começando pelo Ceará. ... pelo Ceará, o seu filho mais velho, o preferido para os estudos da commissão scientifica, o soccôrrido na fome, apesar dos Cotegipes, Sinimbús e outros.

Na minha memória, encareci tambem a açúdagem dos Boqueirões de Lavras, Arneirós e Puty.

Na libértação dos escravos, entrei com a minha palavra, com a minha penna, com a minha bôlsa e com as minhas amizades. Libértei duas escravas que tinha, indo a minha mulher para a cosinha no dia seguinte.

Numa commissão com o meu fraterno amigo, o legendário general Tiburcio, fiz inimigos, os mais despeitados da santa causa, abrirem mão das suas pretendidas propriedades.

Já, ao serviço do gado humano, de que falla Camões, eu tinha feito no chólera do Crato, uma campanha de 60 dias, sem trégoas, caíndo exausto, quando a cidade era já uma necrópole, uma podridão. E na sêcca memoranda de 1878, tinha feito contribuir quasi toda a maçonaria do Brazil, trabalhando de parceria com Antonio Mendes, G. Rocha, Feijó, J. Camara e outros chefes da maçonaria cearense. Só o immortal Saldanha Marinho, meu sempre lembrado amigo, nos enviou, para soccôrro dos pobres, cêrca de trinta contos.

E na minha casa, a titulo gratuito, não entrou um grão de farinha, embóra estivesse pobre, como rato de egrêja.

A vólta de Cratheús para a jurisdi-

ção do Ceará foi iniciativa minha, *desideratum* que levei ao cabo, com o concúrso do marquez de Paranaguá, Freitas, Basson e Serival de Moura. Custou-me bôa descompostúra, por amôr de umas areias, que o Piauhy recebeu em tróca, e os pedantes chamavam—patria minha cearense, muito amada; isto, por instigações de Araripe.

Fui um deputado.

Felizmente para o Ceará e para sua representação, não tinha ainda começado a injústa prevenção originada das sêccas, e convertida em odio pelo facto da libértação, e em menosprêso, por trapalhadas da Republica sobre-vinda.

Aqui, nesta Fortaleza de Nova Bragança, advogei, promovi e gastei dinheiro em muitos melhoramentos máterias. A abertúra da rúa por trás do Rosario, foi iniciativa e teimosia minha, e do finado, meu amigo, Manoel Bezerra, e Confucio Pamplona. E quando essa rúa se tornou uma realidade, não lhe déram o meu nome, nem tão pouco o de Bezerra ou o de Confucio; mas, o do coronel Bezerril, que governava, e porque governava.

A mim só, com a minha meia patáca e a minha taraméla, dêve a cidade ter desaparecido do centro della uma torpêsa — o célebre *quebra pernas*, tão vitupérado com o nome de *calçadas altas*.

Hoje, temos ali um grande, bonito e honesto trêcho de rúa.

Ainda foi minha e de Bezerra a iniciativa do bello monumento, que decóra a praça de Palacio, recomendendo á posteridade, o mérito do general Tiburcio.

Quem restaurou o *Passeio Público*, e o tornou o que é, fômos nós ainda, eu e Bezerra, este como ajudante do engenheiro municipal, eu, como vereador da ultima camara que teve a Fortaleza; a ultima, repito, e a primeira... que me venham tomar satisfações...

Um dos que mais concorreram para o *brilharetur* do Ceará, na Exposição de Chicago, levando a deanteira ás demais provincias do Brazil, fui eu; e já tinha sido eu o segundo patrióta do Ceará, que apresentou ao governo provincial um contingente de *voluntários* para a guerra do Paraguay: cêrca de 25 homens valentes do Cariry.

Quem me lér, dirá que *ando encimado*.

Que pena! . . . O premio, que eu mais quizerá, conferiu-me o homem primeiro do Brazil, nestes quatrocentos annos. Fica-me na gavêta, o seguinte recádo: *Diga ao sr. João Brigido que elle é um homem de mérito*.

Foi do sr. d. Pedro 2º quem m'ô enviou a dizer, para o Ceará, por occasião de lhe fazer entregar um dos meus livros, em 23 de outubro de 1883:

Tambem fica archivado.

Nada, porém, será tudo isso, desde que não me tira, nem me accrescenta

annos. Estou com 71, muito meus. O que cumpre saber é si, atravessando as trez sêccas, de 1845, de 1877 e de 1888, atravessarei tambem a de 1900, mais mortífera, por ventúra, do que qualquer das outras.

As tripas nos roncam, e, muitas vêzes, suppômos ser o coração. Assim é que eu vou mettendo a cara neste novo perigo, acreditando caber-me ainda dar um apêrto de mão aos transeúntes de 1901.

Minha fé provém de que matava mais, que as sêccas, muita onça, com quem boli nos sertões do Ceará.

Não é que eu fizesse inimigos por passa tempo; é que os comprava, nunca me excúsando de ir em soccôrro de terceiros, que pediam a minha assistencia, muitos delles, para me deixarem a sós no momento do perigo.

Aqui, defendendo um constituinte, que mais tarde por 10\$000 se malquistou commigo, por pouco sou victima, nas rúas da cidade, de uma malta de patifes, que corria, furiosa, sobre elle.

Mêdo nunca me faltou; mas, eu tinha programma feito desde menino. Quando me senti só, crescido sem pae alcáide, em meio de um pôvo, que só tem amôr áquillo que elle engórda para comer, e que só respeita aquillo que teme, assentei que me cabia fazer, como aconselhou Abd-el-Melek, em *Alcacerquebir* — tirar a espada, deitar fóra a bainha.

Si é máu a gente talhar-se mui grande, porque mais se presta a servir de alvo, ainda é peor talhar-se mui pequeno, porque os outros lhe hão de passar a perna.

E porque duvidar que eu atravésse a sêcca reinante ou republicante?

Perigo de todos os generos tenho vencido, muitas e muitas vêzes, no decúrso dos meus 25.932 sóes, graças ao destino.

No mar, salvei-me de perigos tantos!... Além da travessia de S. João da Barra e da entrada de Natal, no *Iguarassú*; ainda em viagem no *Olinda*, entre Cabo-frio e Victoria, estive a levar a bréca. Certa vêz, dentro da barra do Rio-de-janeiro, numa ressáca num escalér; e, finalmente, no alto mar e alta noite, no vapor *Ceará*, abalrôado por uma balieira, que se fez em pedaços, caíndo ao mar toda a tripolação, e se afógando um marinheiro.

Um cavallo desbocado cahiu-me por cima; outro, mais malvado, me atirou as costéllas por sobre um tóco. Quêdas desses brutos levei duzias, e elles tinham razão.

Quem escápa de tantas, bem pôde escapar á sêcca, para voltar á paléstra em 3 de dezembro de 1901, e fallar da politica, que viu, ouviu, provou, cheirou e apalpou; cousa muitissimo edificante, e sobretudo muitissimo engraçada!

Devo prevenir ao publico que fui sempre liberal. Assim como conservador vema ser todo o bicho humano, que subscrêve os caprichos do seu tempo, liberal é todo aquelle que não se conforma com elles e dá-lhes um pontapé, reclamando sempre cousa melhor, á sua imagem, ou phantasia.

Sempre estive em revólta com as situações, que atravesssei, me parecendo, ainda hoje, que este mundo não presta, e que o outro dos poetas e dos padres não ha de ser lá o que elles dizem.

Respeitavel publico, si em 3 de dezembro de 1901, eu não estiver mais neste órbe terráqueo, para vos cacêtear, ainda essa ultima vêz, perdoáeme, que não foi por meu gôsto.

JOÃO BRIGIDO

Ceará, dezembro, 1900.



A FILHA DO DOGE

A intelligencia, a graça, o espirito, a belleza,
São as jóias sem par do seu régio diadema;
Sua fronte possúe a radiação suprema
De uma idéa, ao fulgôr da poesia accêsa.

A surprehendente vóz de suavidade extrema,
O olhar evocadôr, a bem dita pureza
Do sorriso e o seu gésto airoso de duqueza
Cantam, numa harmonia idéal, um vivo
poema.

Recórdo sempre, ao vél-a, uma velha gravúra
De algum poeta pintor; toda a vida alta e
púra
De Veneza ducal, alli palpita e fôge:

Nobalcão dum palacio emérgindo das aguas,
Pállido súrgê, cheio o olhar de nobres ma-
guas,
O orgulhoso perfil duma filha do Dóge.

LEOPOLDO BRIGIDO



O ALMIRANTE (18)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO X

A marqueza sentiu-se bem naquelle meió luxuoso e sóbrio; marchava, lentamente, pelos aposentos, approvando, com o olhar languido, o trabalho de Hortencia, emquanto a mãe desta, não podendo conter os effeitos do deslumbramento, se sentava nas cadeiras, inspeccionava os móveis, as ricas credencias, os armários de carvalho, erguidos sobre columnas retorcidas, examinando as estatuêtas, os quadros, as tapeçarias exóticas e as grandes peças de bronze *cloisonné*, de porcelana esmaltada, que o Almirante mandára do Oriente.

— Muito bem, Hortencia — disse a marqueza, com vóz de mágoa, lenta e dôce — Muito obrigada. Estou satisfeita e estás perdôada de todas as estroinices de que fui cumplice. Não é assim, Gininha?

— É — respondeu esta, envolvendo, num olhar caricioso, a filha enleuada e confusa — é só para que tens geito. Grandezas, grandezas, luxo, elegancia. — Não sei como ha de ser... quando caíres na realidade de môça pobre, fóçada a contraíres as tuas aspirações, os teus idéaes românticos para cabêrem no acanhado espaço da tua condição. O Antonico sempre me recommenda: eduquemos as nossas filhas para o seu destino natural e logico, eduquemo-las para mães de familia. Educação sóbria e sólida para se não surprehenderem com os caprichos da sôrte, para se não despenharem, depois de extincta a fascinação de sonhos ephêmeros, na realidade inexóravel. Quem não nasceu com azas, não dêve alimentar o anhêlo do vôo: dêve rastêjar para não cair. Meu marido tem sempre razão como um sabio, que é; mas, não me ajúda a pôr em pratica as suas idéas... Eu vivo do abstrácto, diz-me elle; tu te encarregarás do concrêcto. E esse concrêcto é um alvo que jámais attingirei, porque a sua tolerancia, a paixão pelas estroinices da filha, pertúrbam e desviam todos os meus esforços. É isto que a marqueza vê; uma menina, quasi creança, com fumaças de elegancia, indólencias artisticas, fantasias... fantasias... tudo por instincto, porque faço o possivel por tirar-lhe taes carminhólas da cabeça. Deus sabe quantas noites tenho perdido a meditar no futuro desta doidinha...

Hortencia ouvia, em recolhimento religioso, as palavras da mãe, e o seu semblante se nublava de tristeza, quasi cerrados os grandes olhos languidos, que o illuminavam com fulgôres de luar.

— Não vale a pena de entristecer este anjo com estes sermões — observou a marqueza, envolvendo Hortencia num amplexo amoroso.

— Entrego o futuro a Deus. Não te preoccupes com o destino: o que tem de ser está escripto nos designios da Providencia. Está muito bem feito quanto fizeste, minha filhinha. Oscar ficará encantado, quando lhe dissér que tudo isto é obra tua, do teu apurado gôsto, do teu engenho de primôr... e, sobretudo, da grande amizade que lhe tens.

— Não a censúro — interrompeu d. Eugenia — Lastimo que, em tão tenra idade, sintas aspirações que estão fóra do seu alcance; obedêça a tendencias que a condúzem ao impossivel. Se tivérmos com quê, se a fortuna nos bafêjasse, eu teria o immenso prazer de lhes satisfazer todos os caprichos,

mesmo os mais absurdos. Infelizmente, não é possível, nem ha esperanças de melhorarmos de sorte. Meu pobre marido acabará como as victimas do dever — honrado e pobre...

— A fortuna nem sempre condúz á ventura sonhada — retórquiu a marquezia, com um longo suspiro — Tens em mim, um exemplo: dispondo de havêres immensos, não me púde preservar de dissabôres e mágoas: minha vida é uma série de decepções amargas.

E, como deixavam a casinha do Almirante, a marquezia apontou, com um gésto tragico e doloroso, para os dois túmulos de mármore, rebrilhando ao sol, na avenida de jaqueiras.

— Alli estão as minhas esperanças...

D. Eugenia conchêgou a filha ao seio, e assim seguiram as duas a marquezia, até ao palacio. Mas, a carícia materna não conseguiu destóldar o semblante de Hortencia, que parecia atormentada pela nítida noção da realidade, do sonho desfeito pelas cruéis palavras da mãe, como um vaticinio sinistro.

CAPITULO XI

O alvorôço da proxima chegada do Almirante, a ancía de abraçál-o, após tão prolongada ausencia, o antegôso da consolação de ter junto de si a unica pessoa, que lhe projectava, no coração magôado, lampêjos de afféctos puros, não conseguiram varrer do espirito da marquezia, a insistente preocupação da moléstia, desse soffrimento mortificante e lento, que parecia minar-lhe as energias de mulher forte, apparelhada para os mais rijos combates da existencia.

As revelações de Dolôres, por mais que se lhe figurassem absurdas, immoraes, lhe cavaram no espirito largo sulco, por onde penetrára a curiosidade do maravilhoso, açulando essa tendencia innáta das mulheres a se apaixonarem pelo que excéde ao normal, ao verosímil, e se embrenharem pelas verêdas phantasticas do sobrenatural, que a razão não comprehende, nem a contingente sciencia humana explica. Em vão, ella repelliu a irresistivel attracção, e tentava varrer da imaginação superexcitada a lembrança das cúras milagrosas, operadas por mysteriosos procêssos, os effeitos das suggestões que a fama do grande medico exercicia com irresistivel influencia.

O projecto de consulta ao dr. Valente, ao principio repellido como indigno da sua posição social, da sua cultura, se tornou verdadeira obsessão e uma necessidade indeclinavel, cuja satisfação fixada para o dia seguinte, depois de noites mal dormidas, era adiada pela timidez, por uns vislumbres de consciencia a bruxôlearem na sua alma contúrbada.

De resto, não havia sério perigo

numa simples consúta. Ella teria bastante discernimento para juigar o valôr da sciencia do extraordinário especialista, desprezar as suas indicações, ou utilisál-as se lhe parecêsem razoaveis ou disparatadas. Quem sabe se não hesitava, como uma creança, em dar o passo que seria o allivio, a saúde restaurada, recobrada a alegria de viver, tranquillada a velhice, que se denunciava progressiva e avassalladora dos seus encantos de mulher pelos cabellos brancos a lhe matisarem, já profusos, a bella, a melancolica e suave cabeça? Não havia mal nisso. Muitas outras senhoras não tinham hesitado embaraçadas por escrúpulos puerís. Além disso, Dolôres affirmára a mais sevêra discreção das relações do sabio medico com as suas clientes notaveis, aquellas que mais concorriam para o lustre do seu renome.

E, nessa hesitação, passaram-se dias e noites de verdadeiro supplicio, até que, recebendo da Bahia um telegramma do Almirante, resolveu fazer a consúta antes que elle chegásse.

Ao amanhecer, partiu de carro, e apeiou-se no largo de S. Francisco de Paula.

Uma chuva miúda e bamba borrifava a cidade, que amanhecêra triste, envôlta em densa bruma humida e penetrante. Pelas ruas, empapadas de lama immunda, transitavam, lentamente, vehiculos pesados, carrôças sobrecarregadas, a saltarem, aos solavancos, sobre as protuberancias do calçamento, deslôcando pedras e salpicando de jáctos negros as parêdes e os transeuntes, que ousavam affrontar o máu tempo, abrigados sob grandes guarda-chúvas, luzidíos de agua, crépitando, como tambôres, ao açôite das goteiras. Aqui e alli, bondes de cortinas sôltas por entre as quaes se percebiam, na penumbra, passageiros conchêgados uns aos outros, esperavam se desobstruirem as estreitas linhas. Os conductores, embrulhados em capôtes velhos, ulcerados de buracos, emplastrados de remendos que pareciam cicatrizes de longo uzo immoderado, ou em pannos encerados, ouviam, impassiveis, chufas dos carregadores, prágas obscenas dos cocheiros repimpados nas boléas de enôrmes caminhões, parados ás portas dos armazens, esperando, tambem, lhe ficasse franco o trajécto,

Em um desses bondes, de sanéfas arriadas, invadido de lama, a marquezia de Uberaba, como qualquer burguezia obscura, expôta ao vasculho das lufadas, comprimida entre passageiros, que fumavam inféctos cigarros, e mal disfárçado o seu semblante inquieto, sob denso véo negro, esticado sobre a capôta de grandes plúmas lustrosas, donde emérgia um ramalhete de violêtas artificiaes, olhava, impaciente e a mêdo, para todos os lados, procurando, pelas fréstas das cortinas

molhadas, o sitio onde deveria descer e libertar-se do martyrio daquela promiscuidade aviltante para ella, habituada a se transportar nos seus trens, construídos em Pariz por Binder, de mólãs suaves, cochins assetinados, onde se amorteciam os chóques na delícia de suave embálo voluptuoso.

Depois de uma forte curva de rodas rangindo plangentes ao attrito dos trilhos, o pesado bonde abalou com estrépito por uma viéla, ainda mais estreita que as outras, egualmente súja, esburacada, pouco frequentada naquelle momento, órlada de estabelecimentos commerciaes, êrmos de freguezia, armazens onde trabalhavam carpinteiros aproveitando táboas de caixões — desfeitos em material para a construcção de málas, ou sipilhavam largas táboas desse pinho rezinôso impórtado das regiões articas, dos gêlos do Canadá e da Noruêga, como quasi exclusivo material de construcção, no paiz de floréstas immensas e preciosas; pequenas lójas sombrias, com mostradores scintilantes de jóias de baixa extracção, com os mostradores salpicados de lama, fórmndo doloroso contráste entre um açouge e um antro negro onde se vendia carvão.

Quasi no extremo da viéla, o bonde párou, e a marquezia, muito pállida e commovida, desceu arrepanhando as saías, que rugíam e entrou numa lója de imagens, onde, em profusão horriavel, sarapintados e muito agalôados de frisos e flôres de ouro nos mantos de côres vivas, estavam enfileirados, nas fiteiras, santos desfórmes, alguns, verdadeiras monstruosidades; grandes quadros representando o supplicio de Maria Stuart; Gambeta na camara francêza, indicando Thiêrs, o libertador do território, em bellos chrômos; em gravúra, Tasso na côrte de Ferrara, Shakspeare, lendo a Elisabeth os seus dramas, e as suas immortaes tragédias, havia, em ruím desenho, scenas de piédade, como a *Morte do Justo* e a *Morte do Peccador* e retratos do Imperador e familia imperial e dos estadistas, mais em vóga ou ainda conservados por meio de lithographias, na memória publica. Era indispensavel, então, serem lithographados pelo vélho Robim, os homens, que se destacavam e aquelles que logravam ascender ao Senado ou aos conselhos da corôa. Ella passou o olhar pelos mostradores, um olhar vágo, que não via, e quando o caixeiro se aproximou sorridente, passou rapidamente da lója á escada que condúz ao sobrado.

Ao chegar ao patamar, illuminado por uma clárabóia envidraçada, acêrcou-lhe, com geitos cortêzes e humilhados, um muláto, que, arregaçando um repôsteiro de réps, lhe disse, mostrando os dentes muito alvos e muito largos, sob espessos bigôdes grisálhos: — Tenha a bondade de esperar um

instantinho. O doutor attende já a v. s.; é só mandar-lhe o seu cartão...

— Não é preciso — balbuciou a marquezia — que saiba o meu nome...

— Como quizér, excellentissima... O segrêdo é a alma desta casa...

A marquezia entrou para o gabinete quasi escuro, e derrêou-se num amplo divan de marroquim verde, tréscalandu um brando cheiro de péllles finas, misturado com o perfúme de flôres em exúberantes ramalhêtes, ornando vasos de porcellana sobre *etagères* de jácarandá polido. Nas parêdes pendiam, em moldúras largas e doiradas, diplomas scientificos, muito cheios de sêllos em discos de lácre rúbro, e photographias de mulhêres núas com enôrmes ventres, ou em estado normal, com a legenda em lêtras gôrdas: *Antes do tratamento — Depois do tratamento* — e um *Aviso* de que a metade dos honorários seria pága adeantada, terminando com o sacramental — *gratis aos póbres*.

Na sala immediata, havia um murmúrio de vózes: uma, dolente, arrasada, quasi impercêptivel, respondendo a outra, muito áspera, e a esfôrçar-se por ser carinhosa. Por vêzes, um gemido interrompia o diálogo, e a vóz áspera murmurava palavras de satisfação e de segurança, que chegavam aos ouvidos attonitos da marquezia, como um écho de terrôr.

— Tenha paciencia, excellentissima — tornou o muláto, sempre sorridente, e em tom de confidencia maliciosa — A baroneza é uma cliente muito cheia de luxos e muito dengosa; mas, já está há bôa meia hora. Está na injécção.

E saíu, curvando-se em mesúras, lançando á marquezia um olhar illuminado de ironia respeitosa, olhar que a humilhou, como se revelásse todo o ridiculo da sua situação, do seu erro: a ignomínia, ao penetrar naquelle ambiente saturado de emanações estranhas, secretando um odôr de segrêdos, de crimes, phyltros magicos e capitosos a recórdarem a passagem de personagens de dramas intimos, de desgraças secréas, envôlto numa neblina de confidencia e de mystério; a vergonha de se nivelar ás elegantes damas mundanas como Dolôres, ou como a baroneza de Freixo, levianas ou perversas, cujos nomes andavam arrastados pela infécta lama da protérvia, servindo de pasto aos cães vorázes da maledicencia.

Tomou-lhe, então, o animo vacillante um doloroso arrependimento de haver succumbido á tentação, ella, a mulher fórte e sensáta, que se deixára desvairar por soffrimentos vulgáres, que não confiára na sciencia de seu medico e nas garantias do dr. Sumer, um amigo dedicado, para se deixar sedúzir pelo maravilhoso das historias inverósíneis, de cúras milagrosas, ver-

dadeiras bruxarias, nem sempre empregadas com fins legitimos.

(Continúa)

Projecto da Reforma Monetaria no Brazil

Entre 1 de janeiro de 1890, quando o cambio brasileiro começou a descer abaixo do seu antigo par, 27 d., e 31 de dezembro de 1898, fôram emittidos, deducção feita das retiradas, 595.465 contos de notas, sendo 361.863 pelo Estado e 233.602 pelos bancos.

Se, durante o periodo de 1890 a 1898 o cambio brasileiro permanecêsse a 27 d., poder-se-ia affirmar, em rigôr, que, acceitando esses 595.465 contos de novas notas, o publico dara ao Estado e aos bancos a equivalencia de 66.989.812 libras esterlinas; mas, não aconteceu assim: basta reproduzir, conjuntamente com as emissões annuaes liquidadas daquelle periodo, o mais elevado, o mais baixo, e o curso médio do cambio de cada um desses annos, para demonstrar que a observação não tem fundamento.

EMISSIONES LIQUIDADAS de notas do Estado e dos bancos, de 1º de janeiro de 1890 a 31 de dezembro de 1898.

Em contos de réis

Annos	Situação no principio do anno	Emissão do anno	Retiradas	Situação em 31 de dezembro do anno	Taxa do cambio		
					alta	baixa	média
1890	184.500	113.300		297.800	26.25	20.50	22.83
1891	297.800	215.927		513.727	20.87	10.87	16.48
1892	513.727	47.273		561.000	15.25	10.43	11.91
1893	561.000	73.700		634.700	13.50	10.12	11.42
1894	634.700	77.300		712.000	12.12	9.12	10.18
1895	712.000		33.934	678.066	11.37	9.12	9.95
1896	678.066	34.289		712.355	10.62	7.93	9.07
1897	712.355	8.607		720.962	9.62	6.87	7.73
1898	720.962	59.003		779.965	8.93	5.62	7.27

Depois de 31 de dezembro de 1898, não houve novas emissões, e a circulação das notas do Estado e dos bancos, confundidas sob a responsabilidade do governo a partir de 1890, diminuiu progressivamente, na execução do *funding* de 1898, até attingir o alga-

rismo de 674.400 contos em 31 de março de 1904. Parallélamente a essa diminuição, o cambio médio annual se elevou a 7.49 em 1899; a 9.58 em 1900; a 11.94 em 1901; a 12.01 em 1902; a 12.09 em 1903 e a 12.13 no primeiro semestre de 1904.

Assim, os 595.465 contos, emittidos entre 1 de janeiro de 1890 e 31 de dezembro de 1898, representaram, no momento de sua entrada em circulação, um valôr em ouro variando na proporção de 20.25 a 5.62, taxa do cambio mais alto e mais baixo, durante o periodo alludido. Admittindo que essas notas fôssem emittidas sobre a base da taxa média de cada anno, o valôr em ouro da emissão teria sido:

VALÔR DAS EMISSIONES pela taxa média do cambio annual

Annos	Valôr ao cambio médio do anno	
	Contos papel	Contos ouro
1890	113.300	95.801
1891	215.927	131.795
1892	47.273	20.852
1893	73.700	31.172
1894	97.300	29.145
1895-96	355	125
1897	8.607	2.464
1898	59.003	15.887
Totales	595.465	327.241

Entretanto, é sabido que foi, sobretudo, o annuncio dessas emissões, a causa da baixa do cambio, e é, por isso, certo que o valôr em ouro das notas, na occasião da emissão, devêra ser notavelmente inferior á taxa média annual: todos sabem, além disso, que o governo brasileiro, durante o periodo de 1890 a 1898, comprou seus saques sobre o estrangeiro, muito mais caro que a taxa média annual do cambio, facto que confirma a precisão da observação.

Como quer que seja, tomando por base a taxa média do cambio actual, mais favoravel á critica, tem-se, para as notas emittidas de 1890 a 1898, um valor de emissão relativo a 327.541 contos ouro. Adicionando a este valor os 184.500 contos, existentes antes de 1 de janeiro de 1890, cuja emissão devêra regular cerca do par 27 d., chega-se a uma equivalencia total de 511.741 contos de ouro, dados pelo publico brasileiro em trôca de 595.465 + 184.500 = 779.965 contos de notas.

Se o cambio brasileiro estivesse de-

finitivamente firmado a 12 d. ouro, os 779.965 contos em questão, representariam:

$$\frac{779.965 + 12}{27} = 346.651 \text{ contos ouro}$$

e a perda consagrada sobre o valôr das referidas notas, no momento da sua emissão:

$$511.741 - 346.651 = 165.090 \text{ contos ouro.}$$

Eis a perda theorica que a estabilisação do mil réis brasileiro consagraria, não em detrimento dos actuaes portadores das notas em circulação, mas em prejuizo daquelles que as recebendo, no momento da emissão, ou antes de 1890, as conservassem até á occasião da refôrma.

Não se dêve, porém, perder de vista que o cambio brasileiro foi cotado a 5 d. 5/8 e que a essa taxa o valôr em ouro dos 779.965 contos de notas caíra:

$$\frac{779.965 \times 5.62}{27} = 162.348 \text{ contos ouro.}$$

Por conseguinte, se se pudesse tomar como argumento da estabilisação do cambio a 12 d., o facto de consagrar essa taxa uma perda de 164.893 contos ouro em detrimento dos portadores originários, poder-se-ia invocar, em favôr dessa mesma taxa, o facto de consagrar ella um lucro de. 346.651 — 162.348 = 184.303 contos ouro, em favôr dos portadores de 1898.

As duas théses seriam, em summa, ambas falsas pela excellente razão de não ser possível organizar a lista dos portadores originaes e dos de abril de 1898.

Os subscriptores dos antigos empréstimos interiores, em mil réis, poderiam tambem, se conservassem os seus titulos originarios, queixar-se da taxa de estabilisação a 12 d. ouro, sustentando que esta importaria uma redução, na proporção de 27 a 12 do poder Liberativo de suas rendas do exterior, as quaes, sendo cobradas em mil réis, o argumento seria, exactamente, da mesma natureza que o dos portadores das notas papel-moéda, e a resposta seria a mesma.

Quanto aos portadores de titulos dos empréstimos em ouro, nacionaes ou estrangeiros, não poderiam formular reclamação alguma contra a taxa de 12 d., porque continuariam a ser pagos em ouro sobre as mesmas bases actuaes.

* *

Em resumo: a refôrma monetária brasileira sobre a taxa de 12 d., por mil réis ouro, consignaria aos 674.400 contos de notas em circulação, no Brazil, na data de 31 de março de 1904, um valôr efféctivo de 299.733 contos do antigo estylo, ou 33.719.962 libras esterlinas, e cada dinheiro acima de 12,

augmentaria esse valôr a 24.977 ou 2.809.912 libras esterlinas.

Póde-se, portanto, organizar o quadro seguinte, que dá o valôr dessa circulação confôrme as diferentes taxas:

VALÔR NOMINAL: 674.400 contos — papel

Libras esterlinas	Contos ouro antigo systema	Estabilisação
33.719.962	299.733	12
36.529.874	324.710	13
39.339.786	349.687	14
42.149.698	374.664	15
44.959.610	399.641	16
47.769.522	424.618	17
50.579.434	449.595	18
61.819.082	549.503	22
70.248.818	624.434	25
75.870.000	674.400	27

Considerando, sómente, o lado monetário da questão e sem computar os grandes interesses da producção brasileira, parece que seria vantajoso para o Brazil fixar o valôr do seu novo padrão monetário a uma taxa mais elevada que a de 12 d., por mil réis, pois a União, para o serviço da sua divida exterior, e os importadores de mercadorias estrangeiras para as suas compras, teriam menos de mil réis a pagar; mas, nesse raciocinio, se olvidaria que o antigo mil réis, papel-moéda, considerado pela lei um mil réis ouro em nova paridade theorica, não seria, realmente, trocavel pelo seu par metallico, qualquer que seja a taxa da paridade escolhida, senão quando houvesse bastante ouro no paiz para lhe assegurar a conversão sobre base fixa.

O Brazil não tendo, actualmente, ouro em circulação publica, seria preciso importá-lo em empréstimos especiaes combinados com a criação de um novo banco de emissão (sobre o qual diremos mais adeante) ou — o que seria mais longo, por via dos saldos da balança commercial.

Num como noutro caso, a quantidade de ouro a impórtar para o pagamento das notas em espécie, deverá ser proporcional ao valôr legalmente consignado ao novo mil réis.

A taxa de 12 d., cada novo mil réis ouro pesaria 0 gr. 3661 de ouro fino; á taxa de 18 d., por exemplo, o mesmo mil réis pesaria 0 gr. 5491. Para cunhar um conto ouro, seria necessário comprar no estrangeiro, sob qualquer fórma, 366 gr. 10 ouro com a taxa de 12 d., e 549 gr. 10 com a taxa de 18 d., ou, por conto, um augmento de pêso de 183 grammas de metal fino. Por conseguinte, suppondo que sobre os 674.400 contos de papel-moéda em circulação, agóra, no território brasileiro,

81.200 sejam convertidas em moéda divisionária, os 593.200 contos restantes para serem convertidos em ouro, representariam:

Pêso de ouro fino

$$\begin{aligned} \text{A } 18 \text{ d.: } & 593.200 \times 594,10 = 325.726 \text{ kilogs.} \\ \text{B } 12 \text{ d.: } & 593.200 \times 366,10 = 217.170 \text{ "} \end{aligned}$$

$$\text{Diferença..... } 108.556$$

Valôr em libras esterlinas

$$\begin{aligned} \text{A } 18 \text{ d.: } & 325.726 \times 136,56 = 44.184.142 \text{ £} \\ \text{B } 12 \text{ d.: } & 217.170 \times 136,56 = 29.656.735 \end{aligned}$$

$$\text{Diferença..... } 14.824.407$$

ou = 374 milhões de francos !

A elevação da taxa de estabilisação a 18 d., ouro, seria, evidentemente, muito vantajosa aos portadores actuaes dos 593.200 contos a converter, porque receberiam, por cada conto, 549 gr. de ouro fino, contra 366 gr. com a taxa de 12 d.; mas, a operação seria má para o Thezouro Federal que teria de supportar o onus de 108.556 kilos de ouro, ou 14.824.407 £ para pagar os júros e assegurar a amórtisação.

Não haveria, portanto, vantagem real para o paiz, e restariam todos os inconvenientes assignalados em relação á producção nacional.

* *

Nenhum cálculo permite, todavia, estabelecer qual a taxa de estabilisação que exprimissem, mais aproximadamente, a verdadeira situação economica e financeira do Brazil e da balança dos seus pagamentos no exterior, porque os elementos de semelhante problema são, ao mesmo tempo, incertos e essencialmente variaveis de um anno a outro. Sómente a experiencia practica póde indicar a solução, e ella milita em favor da taxa 12 d., que póde ser, facilmente, mantida, no Brazil, durante quatro annos consecutivos. Escolhendo uma taxa mais elevada, lançarmo-nos-íamos no desconhecido e a refôrma monetaria se arriscaria a ruir ao primeiro symphthoma da crise commercial, como aconteceu, na Italia, em 1881.

Os maravilhosos resultados da restauração do crédito e das finanças, obtido depois do fim de 1898, seriam, então, compromettidos irremediavelmente, e o desenvolvimento economic se acharia, de novo, entôrpecido por muitos annos.

Não se dêve olvidar que o problema a resolver não é dar ao Brazil uma nova unidade monetaria de base ouro. Seu principal objecto é, sobretudo, assegurar a convertibilidade em ouro do stock monetário existente, assegurar uma paridade estavel á nova moéda, garantir assim o paiz contra as terribes fluctuações do cambio exterior do periodo de 1890 — 1898, as quaes aruinaram as finanças da Republica afastaram de seu território, os capitales privados estrangeiros, sem os quaes

Brazil não poderá jámais valorisar suas immensas riquezas naturaes.

Ora, quanto mais a nova paridade fôr superior a 12 d, tanto mais importantes deverão ser os esforços e os sacrificios para manter a estabilidade do cambio exterior e tanto mais aleatório será o succésso final da refôrma monetaria.

(Continúa)

EDMOND THÉRY

A' BRIZA

Geme de léve, ó briza sussúrrante,
Ao beijar este mármore alvadío !
Que nesta cóva o teu suspiro cante,
No mais suave e débil murmurio...

Para esta dôr sombria e flagellante
Em que meu triste peito hoje atrophío,
Que me descóra o pálido semblante,
Fôra um escárneo teu gazil cicío !

Passa de léve, ó sussúrrante briza
Neste sepulcro múdo que se enflóra
De lírios, que de gôivos se tapiza...

E beija-o com respeito ! Desta terra
O pequeno pedaço, a doce auróra
Da minha vida amargurada encérria !

DARIO CESARIO

PRESENTE DE CABEÇAS

Toda a vêz que rebenta uma revolução em Marrocos, os vassallos fiéis, para serem agradaveis ao Sultão, o presenteiam com cabeças de insurgentes e recebem por ellas um premio.

Não é raro encontrarem-se, actualmente, nas planices de Fez, combóios de homens carregados de sáccos duplos cheios de cabeças, colhidas ao acaso, ao capricho do zêlo cruel, despertado pela munificencia do soberano.

No reinado do precedente Sultão, durante a guerra com a tribu dos Zemnours, uma companhia de soldados chegou, na tarde de uma batalha, a casa de um inoffensivo mestre-escola, que nunca tivêra a idéa de se revoltar; mas, faltava uma cabeça para a grinalda, que o chefe do bando contava offerecer a sua magestade para ser promovido, e a do pobre diabo lhe pareceu muito apta para completar a collecção. O homem gritou, supplicou, protestou sua dedicação á pessôa real e sagrada do imperador de Marrócos; o córte do sábre suffocou-lhe, para sempre, a vóz angustiada.

Os musulmanos de Marrócos são os mais musulmanos de todos os musulmanos. Para elles, a vida de um homem nada vále, graças ao seguinte raciocinio: se o decapitado é culpado, mereceu o supplicio; se é innocente, tem certeza de ir direitinho para o paraíso. Não ha, portanto, motivo de queixa.

O Sultão júlga ter necessidade de

certo numero de cabeças para impressionar os rebéldes, que desconhecem a sua auctoridade. E esses horriveis despójos humanos, defórmados em contracções macábras, são espêtidos em pôstes deante das tendas dos chefes, suspêtidos ao peitoral dos cavallos, nòs pescôços dos camêllos. Todas as tardes, essas cabeças são rôladas no sal, afim de se conservarem mais frêscas; mas, de tempo em tempo, é indispensavel fazer nova provisào sinistra, e se enviam cavalleiros ao campo, onde as decêpam sem escôlha, porque Allah saberá reconhecer os seus.

Durante a tyrannia de d. Manoel Rosas, em Buenos Ayres, as cabeças cortadas, durante a noite, aos *sélvagens unitarios*, amanheciam expostas nos açougues, ornadas de côentro e salsa.

Esses factos demonstram que, em toda a parte, as paixões e o servilismo barbarisam os homens.

Vantagens do regimen celllar (*)

Embóra não sêja das mais velhas, a questão do regimen penitenciário, da prisão ou detenção em cêllula, é daquellas já bastante discutidas e que dispensariam, portanto, as lúzes que por ventura, lhe pretendêssemos trazer.

Sêja-nos, comtudo, permittido, em traços fugáces, assignalar aqui as suas vantagens sobre o systema da prisão em commum, uma vêz que ao assumpto já alludimos, e tereinos ainda occasião de lhe fazer referencias.

Occórre-nos, neste momento, uma phrase que lemos algúres, proferida por um jovem detido da *Petite-Roquette*, phrase que dá bem a medida de quanto as proprias creanças reconhecem os effeitos benéficos da cêllula.

O padre Millerio, célebre prégador, vinha de proferir na capélla da casa, um dos seus sermões costumeiros, terminado o qual, um dos menores detidos affirmava, convencido: «Le père prêche bien, la cellule prêche mieux encore».

Dáta do século XVII, a idéa refórma-dora do systema das prisões, que tomou algum incremento no século XVIII, e ainda maior no que lhe succedeu. Até então, dominava em toda a parte a promiscuidade dos séxos, das edades, dos crimes mesmo, cujas naturas divêrsas se confundiam, fórmando, por assim dizer, os orgãos e os membros múltiplos dum grande còrpo gangrenado, entre si espalhando profusamente os gérmenes hediondos da sua podridão moral.

Um desgraçado qualquer, num violento impúlso momentâneo, commettia um crime; mas, apurando bem, os seus sentimentos não haviam ainda attingido o gráu médio, siquer, da

pervêrsão; ainda lhe restava alguma cousa de bom ou, pelo menos, de soffrivel; ainda o seu coração seria capaz de pulsar por uma idéa generosa e nobre.

A justiça, porém, d'elle se apoderando, atirava-o á sordidez duma lôbrega cadêa, onde o pobre homem, abatidos o espirito e o còrpo, embóra sustentásse uma lucta ténaz com aquelle meio fatal, a elle, por fim, se tinha de curvar e adaptar, recebendo, pouco a pouco, a influencia corrósiva das mais execrandas suggéstões.

«La peine--diz Delpech—est un agent suprême de démoralisation... Les mal-fauteurs de toute sorte, de toute âge, de toute condition, s'y trouvent réunis; ils s'enseignent mutuellement á devenir plus mauvais. Dans ces abîmes du mal, où une surveillance efficace est impossible, l'estime de soi-même, ce premier et le meilleur des freins, se perd complètement. Que de complots s'ourdissent lá pour être exécutés á la sortie; que d'enseignements pervers et mutuels, que d'instructions données par les demeurants á ceux qui sortent pour commettre tout les crimes. Lá se préparent et se concertent les récidives á réaliser». (1)

Tôrnou-se geral, dentre em pouco, a convicção de que a prisão em commum apenas servia para afastar da sociedade, o indivíduo que a ameaçasse em suas garantias e em sua tranquillidade, preenchendo, desse modo, a primeira utilidade do direito penal modérno; a segunda, porém, ficava em eterna irrealisação, porque era impossivel melhorar o carácter do sentenciado, que encontrava apenas na prisão elementos maléficos, em vêz de se ver cercado das condições em meio das quaes poderia, talvez, voltar á sociedade, modificado e são.

Um dos primeiros estabelecimentos penitenciários foi o que, em 1677, o abbade Filippo Franci fundou em Florença. Na Belgica, (em Gand) tambem em 1794, foi inaugurada uma prisão cêllular. Esses fôram os dois mais antigos ensaios levados a effeito.

Em 1821, ensaiava-se, egualmente, o systema, em Auburn, adoptando-se a prisão em solitária de dia e á noite, o isólamento absoluto, sem trabalhos nem passeios, a que os americanos denominavam *solitary confinement*. O regimen era por demais rigoroso, e por isso não provou bem, cedendo logar a outro mais humanitário, no qual se procurava tornar a vida do sentenciado menos dolorosa, mantendo-o em prisão solitária, á noite, e deixando-o trabalhar em commum durante o dia, como foi instituido em New-York e Sing-Sing.

A Pensylvania, adóptando o principio da prisão cêllular, modificou, todavia, o primitivo processo de Auburn, e em Cherrg-hill, Pittsburg, estabeleceu a prisão cêllular, de dia e á noite,

com trabalho e visitas do administrador e outros auxiliares do estabelecimento.

Tráva-se logo depois, em todo o mundo civilisado, uma renhidissima discussão ácerca das vantagens e desvantagens da refórma, na qual se empenha um grande numero de especialistas.

Fazem-se pesquisas, organisam-se estatísticas, enfileiram-se argumentos, reúnem-se opiniões contrarias, afim de impedir que a obra sêja levada a cabo. Citam-se casos de suicídios e graves enfermidades, causados uns e outros pela célula, e publicam-se mesmo monógraphias e brochúras, com o fim de desacreditar o novo systema e provar que elle condúz o condemnado, grande numero de vêzes, á perturbação mental, aquillo que deprêssa se convençiona denominar «a loucura penitenciária».

Outros escriptores succedem, em maior numero, aos primeiros, onde os seus auctores opinam pela excellencia do regimen penitenciário, contra os que a refítam e o condemnam.

Dá-se uma larga parte nesta discussão aos casos de loucura, verificados nas penitenciárias que são attribuidas causas ora extérnas ora inherentes ao regimen, como sêjam: além da propria encarnação, alimentação e outros. (2)

O dr. Pietra Santa, depois dum estudo a que procedêra na prisão de Mazas, onde havia 1.100 condemnados, concluía que «a primeira applicação do systema célula feita em França, nas condições mais favoráveis de installação, organização, vigilância administrativa, fornêceu resultados deplóraveis, no ponto de vista do numero das alienações mentaes, do numero dos suicídios.»

Por toda a parte, estudou-se o assumpto profundamente, esmiúçaram-se-lhe as circumstancias pró e contra, e chegou-se á absoluta conclusão de que, introduzidos alguns melhóramentos, o regimen preencherá uma importantissima lacuna, e a célula virá, quanto antes, fazer com que se obtivesse aquillo que a prisão commum já mais déra ou dará algum dia esperanças de ser conseguido.

De tal modo o novo systema acreditou-se que, em 1878, Thonissen próclamava a sua superioridade com esta phrase laconica, mas que só ella substancia todo um vasto tratado: «Eu desêjo a applicação univérsal da prisão célula.»

Um testemunho eloquente e de grande valôr é o de R. Vaux, que assim se exprime:

«Durante trinta e cinco annos, tenho feito um exame, um estudo constante do systema de tratamento individual ou separado; tenho feito pes-

quizas sobre os resultados praticos deste systema, e pôsso affirmar que nenhuma das objecções que se lhe fazem é confirmada pela experiencia de todos aquelles annos, de um só que seja.»

Por seu túrno, o juiz Föhring, de Hamburgo, no intuito de documentar as suas assérções, justificando a sua attitúde de franco apologista do systema penitenciário, cita, entre outros, um facto bem significativo. Trata-se duma mulher, durante vinte annos detida em células, em Vechta (Grão Ducado de Oldemburg) onde seu comportamento era irreprehensivel. Todos os annos, de accôrdo com o que o código Penal manda fazer quando expire o terceiro anno de prisão célula, perguntava-se-lhe se desejava mudar de regimen, passando a vida em commum com as demais detentas, e ella respondia negativamente, manifestando a sua preferencia pela célula, onde se dizia satisfeita.

Walter Crofton, irlandez, foi quem conseguiu, afinal, tornar de todo recommendavel o regimen célula, depois das excellentes modificações que lhe introduziu, amenisando a situação de isólamento do sentenciado.

O systema de Crofton, — assim se ficou chamando — ou *systema progressivo*, por cuja designação é tambem conhecido, consiste, como esta segunda denominação dá mesmo a entender, em um processo *progressivo* de prisão, a que o sentenciado é sujeito, fazendo-no passar, succéssiva e lentamente, por differentes espécies de encarcéramento, desde a menos confortável e mais propicia a tornal-o acabrunhado e meditativo, até aquella em que já se acha perto da verdadeira liberdade.

Essa progressão é constituída por trez periodos distinctos, ao primeiro dos quaes o condemnado fica sujeito durante nove mezes, no maximo. (3) O ultimo periodo, a que o sentenciado faz jús pelo seu comportamento, seu aproveitamento no trabalho, etc., é o de liberdade relativa. Crofton mantém, além disso, em Lepoglava um asylo onde são recolhidos aquelles a quem é concedida liberdade, antes de se retirarem definitivamente.

O systema de Crofton, hoje bastante conhecido e conceituado, espalhou-se, em brêve, da Irlanda a outros paizes que, com uma ou outra modificação, o adóptam presentemente.

Desse ou de qualquer systema diverso, o certo é que os criminalistas modernos mais illustres e os congressos penitenciarios mais importantes, têm proclamado a superioridade do regimen célula; e em toda a parte do mundo civilisado, os governos a têm reconhecido, francamente.

A França, a Allemanha, a America do Norte, a Suissa, a Inglaterra, Saxe,

a Austria e a Hungria, a Hollanda, a Suécia, a Noruéga, a Dinamarca, o Japão, a Hespanha e outros paizes possúem hoje innúmeras prisões cellulares, embóra as suas organizações não sêjam unifórmes.

Vários são tambem os paizes dentre aquelles, que têm fundado prisões cellulares especiaes para menores, ou departamentos em prisões de adultos.

Forçoso é mesmo reconhecer e é opportuno confessar que, se a célula poderá ser benéfica para o adulto, sêlo-á mais ainda para o menor. Se ella evita a pervérsão dum sem numero de sentenciados, a quem a idade dá maior conhecimento das cousas e dos factos que os rodeiam, que dizer em relação aos menores, cujo espirito se está ainda fórmando, cuja idade os torna em condições perfectas de receber e apprehender rapidamente toda a sôrte de impressões e de influencias más ou boas?

O Brazil, cujo atrázo nessas cousas é simplesmente assombroso, não possúe ainda uma verdadeira penitenciária. Ha no nosso paiz uns arremêdos de prisão célula, isso mesmo em dois ou trez estados, porque na Capital propriamente, não existe uma só. As casas de Detenção e de Correccão têm como regimen o que pôde haver de mais censuravel e obsoleto. Dellas fallaremos depois, com mais alguns detalhes que deixamos de inserir aqui.

No entanto, que resultados magníficos dêveria dar entre nós a fundação de duas ou trez penitenciárias, do systema de Crofton!

Mas, não é só nas prisões para os condemnados que a célula se torna util. Especialmente para os menores, ella dêve existir em todos os logares onde sêja preciso conservál-os em detenção, para que não tenham de permanecer em qualquer desses focos de infécção moral e physica, que são os xadrêzes onde são reunidos ás dúzias.

Detido por qualquer motivo, elle dêve ser pôsto em célula, até ter o destino que melhor convenha.

Mas, onde essas células, podendo satisfazer a táes exigencias?

E' o que convém adquirir.

No capítulo subordinado ao titulo *Prédios para a Policia*, do seu relatório apresentado em 1904 ao sr. ministro da Justiça, o sr. chefe de policia, expondo os excéssivos gastos effectuados pelo Estado, para pagamento do aluguel dos prédios que a policia occupa e onde funcionam as suas delegacias, propõe que o governo faça várias aquisições, por meio das quaes lhe sêja permittido proceder a melhores installações, cuja propriedade usufruirá desde então.

Para chegar a tão auspiciosos resultados, seria necessária a somma de mil contos, dos quaes quatrocentos

destinar-se-iam á aquisição dos prédios ns. 88 e 90 da rua do Lavradio, dos que lhe ficam visinhos e dos que, situados na rua dos Invalidos, dão fundos para aquelles, bem como aos reparos e ás obras a efféctuar, afim de adaptál-os definitivamente.

Os seiscentos contos restantes seriam destinados á construcção de 20 prédios «de typo unifórme, como propõe o sr. dr. Cardoso de Castro, que servissem de séde ás delegacias urbanas, feito o cálculo á razão de 30:000\$000 para cada prédio».

Com táes aquisições, ficaria o governo, no fim de seis annos e sem augmento de despeza, desonerado do encargo que lhe proporciona, annualmente, o pagamento de alugueis daquelles prédios.

Desse modo, seria possível em cada delegacia existir, pelo menos, meia duzia de células, para encarcáramento provisório de jovens delinquentes e vagabundos. Com uma ou duas dezenas, aproximadamente, que se construíssem na repartição central da policia, desapareceriam essas scenas, tristemente impressionadoras, de menores recolhidos, na mais inconsequente e absurda promiscuidade, em xadrêzes inféctos e esconsos, verdadeiros sepúlchros para essas almas quasi vasias de illusões, verdadeiras sepulturas, onde os ultimos resquícios da moral humana descem sotúrnamente os sete palmos, para o anni-quillamento fatal de todo o sempre.

Ousariamos, mesmo, proclamar, se na hora actual fôsse ainda preciso fazê-lo, que a célula é o primeiro remédio efficáz contra o desrégramento infantil, é a medicação de effeitos mais enérgicos e mais prompts, capaz de preparar sufficientemente o organismo da creança, para receber os seus mais poderosos reconstituintes: — a escola de refórma e a escola de preservação.

FRANCO VAZ

(*) Trêcho de um estudo sobre *A Infancia Abandonada*, em elaboração, por incumbencia do sr. ministro da Justiça.

(1) — *De l'influence du régime pénitentiaire français sur les récidivistes*. Revue pénitentiaire, 1878.

(2) — Vide, por exemplo, estes dois trabalhos: *Recherches sur la folie pénitentiaire*, de Sauze, que, como medico da prisão cellular de Marseille e de alguns asylos de alienados, acreditava não ser a célula causadora de taes loucuras, apresentando observações de dois annos; *Etudes sur l'emprisonnement cellulaire et la Folie Penitentiaire* (1858) pelo dr. Prosper de Pietra Santa, medico adjunto da prisão cellular de Mazas, cuja opinião é contraria áquella.

(3) — Em Lepoglava, onde Crofton introduziu o seu systema, esse primeiro periodo dura, quando muito, oito semanas.

VELHOS MARAVILHOSOS

Os homens de pensamento sempre se distinguiram pela idade. Solon, Sophocles, Pindaro, Anacreonte e Xenofonte fôram octogénarios. Kant, Buffon, Gœthe, Fontenelle, Newton e Harvey, o descobridor da circulação do sangue, morreram depois de oitenta annos.

Muitos dos maravilhosos velhos, que honram a humanidade, produziram excellentes obras, depois dos oitenta annos. Lander escreveu as suas *Conversações Imaginarias*, com oitenta e cinco janeiros; Izaac Walter manejava a brilhante penna, aos noventa; Hahnemann casou-se aos oitenta, e trabalhava, ainda, aos noventa e um; Miguel Angelo pintava um enórme quadro aos oitenta e cinco; Ticiano, aos noventa, trabalhava com o vigôr de um jovem; Fontenelle era tão lúcido aos noventa e oito quanto aos quarenta; Newton, aos oitenta e trez, trabalhava intensamente como na meia idade; Cornaro, aos noventa e cinco, gozava de plena saúde, e tinha a vivacidade feliz de um rapaz; o doutor du Boisy clinicava, no Hanover em 1897, fazendo visitas diarias, aos cento e trez. William Reynold Salomon, morreu no dia 11 de março de 1897, na idade de cento e seis annos. Ao tempo do seu fallecimento, era o homem mais velho, de idade indisputavel e authentica, o mais velho medico, o mais velho membro do Royal College of Surgeons e o mais velho maçon do mundo.

Legouvé, fallecido, ha pouco, aos noventa e seis annos, era o mais velho homem de letras da Europa. Seu successor, no pôsto de decáno da litteratura, foi o dr. Samuel Smiles, com a idade de noventa, vindo na série da velhice o dr. Nicolao Beets, theólogo e romancista allemão, com oitenta e oito, e sir Theodoro Martin, com oitenta e seis. A idade de oitenta e cinco foi attingida por sir Joseph Hooker; e G. J. Holyoake, o dr. Theodoro Momsem, Vapereau, Dean Hole, o professor Montagu Burrows chegaram aos oitenta e trez; Herbert Spencer excedeu dessa idade; sir W. H. Russel passou dos oitenta e oito; aos oitenta, attingiram os professores David Masson e Alfredo Wallace Russel; a setenta e oito o professor Turnivall; aos setenta e seis, Rolf Boldrewood; Jules Verne, George Meredith, John Hollingshead passaram os setenta e sete; o conde de Tolstoï, dr. Ibsen e James Gairdner já fizéram setenta e quatro.

A immensa fadiga do trabalho cerebral, á qual se attribue o enfraquecimento das gerações modernas, não fazia mossa no organismo desses velhos maravilhosos, cujo vigôr parecia augmentar na razão da somma de obras, realisadas com admiravel integridade mental. O cérebro possue

inexgotaveis meios de resistencias para as suas funcções superiores, quando não as perturbam affécções de outros orgãos.

Quasi todos esses patriarchas das letras, das sciencias e das artes conseguiram os brilhantes resultados de suas obras, methódizando a sua maneira de trabalhar, disciplinando os seus habitos, evitando as longas vigílias, e, sobretudo, o abuso do alcool, o mais feróz inimigo da actividade humana.

A LIVRARIA

SELÉCTA CLASSICA — JOÃO RIBEIRO
FRANCISCO ALVES — EDITOR.

João Ribeiro, poeta, historiador, musico, pintor e philologo, por excellencia, como, por excellencia, é poeta, compôz uma *selécta* de um material todo classico e ante classico. E', de facto, um livro unico, completo, de um grande mérito. E' destinado ao curso superior de portuguez, como complemento da grammatica que elle, com a sua fórte auctoridade, escreveu. Por isso mesmo que é completa, a *Selécta* é excessiva. Um tal trabalho, de tal modo erudito e bem feito, que reuniu tanto esforço, tanta abnegação, é bom de mais para o estudo da lingua portugueza no Brazil. O esforço é inutil, — direi melhor — não aproveitará, indo ao que se destina. Si os mesmos escriptores, entre nós, todos mais ou menos bonitos e *chics*, não se dão a essa canceira de escrever, e aprender, com limpêza, com fácil hygiene, isso que lhes dêve ser tão elementar quanto ao pintor o desenho, como é que os nossos inéffaveis mancêbos, suspirantes de mimos e caricias da mamãe, se hão de metter a balbuciar o idioma, segundo a lição, tão perfeita, desse esforço?! Mas, João Ribeiro está pensando que, realmente, si esse desleixo fôr o padrão dos trabalhadores, nada aqui se fará de sério. E' muito certo. Por isso, eu creio que o seu fim só foi fazer uma obra digna do seu nome, da sua fama, da sua capacidade. Acima das considerações que púz, está o seu estímulo de mestrê consumado da lingua, o seu dever de espirito gráve, sem as preocupações pequenas dos nossos escriptores didácticos, que, em primeiro logar, cuidam da renda...

A *Selécta* é dividida em *período anteclassico*, *período classico*, *os quincentistas*, *os seiscentistas*, e no dos escriptores do século XVIII — Nesse apanhado, João Ribeiro compendiou, com critério, com intelligencia, o que essa veneranda litteratura tem de mais suggestivo e de mais conveniente a uma *Selécta*. Fazer uma colléctânea á altura da que elle emprehendeu, é, de certo,

considerável, sobretudo sendo a melhor que já appareceu no Brazil. Mas, acompanhar os trêchos colligidos, das informações que João Ribeiro dá, é um trabalho excépcional. Quer de prósa, quer de poesia, cada porção do modelo classico é esclarecida de notas cujo interêsse está na medida do saber do auctor. Só esse mérito da *Selecta* é decisivo, porque qualquer das notas é uma solução.

WALFRIDO.

OS BANHOS DE MAR

— Não me péza na consciencia—dizia um médico, muito notavel—ter recebido aos meus clientes banhos de mar.

E, como lhe exprimisse a minha admiração, elle continuou :

— Ha tempo, foi suggerida a idéa de irrigar a cidade com agua salgada; mas os especialistas opinaram ser preferivel permanecer ella envolta em nuvens de pó sujo e asphixiante, portadores de germens nócivos, a ser, diariamente, lavada e refrescada com agua da bahia de Guanabára. Eviéram, em porções eruditas, argumentos, saturados de chimica e hygiene, demonstrando os precipitados deletérios, resultantes da evaporação da agua salgada em depósito na superficie do calçamento das rúas, allegando-se, finalmente, que essa irrigação equivaleria a transportar para os centros populosos, toda a porcaria despêjada no pôrto, resíduos de toda a ordem, entre os quaes se salientavam os dejectos pestilentos da *City Improvements*. Entretanto, meu caro senhor, essa agua que não presta para a irrigação da cidade, é aconselhada para banhos hygienicos, abluções medicinaes! E' um verdadeiro contrasenso, um absurdo inqualificavel, que sómente encontra explicação na insânia humana, propensa a disparates. Todas as manhãs, os trens suburbanos condúzem á Central, madrugadores, na maior parte senhoras depaupéradas, anemicas, victimas dos funéstos efeitos da falta de hygiene domiciliar, as quaes concórem aos banhos do Boqueirão, das praias do Flamengo e S. Luzia, e algumas experimentam melhóras, attribuidas aos banhos, quando ellas são resultado immediato do exercício matinal, da interrupção dos habitos sédentarios das nossas familias, cuja geral diversão, senão unica, são os passeios para exhibições de *toilettes* na rua do Ouvidor, ás horas de calôr e poeira.

E concluiu as suas impugnações aos banhos de mar, com a seguinte observação :

— Os banhos no Boqueirão e na praia do Flamengo, banho burguez ou aristocráta, poderiam, ainda, ser tolerados; mas, o da praia de Santa Luzia

é um verdadeiro perigo. Imagine que, nessa praia, defluem os esgotos da Santa Casa de Misericórdia, independentes dos colletores da *City Improvement*, e, por isso, lançados na bahia sem as providencias, as cautélas de desinfecção prévia, embóra imperfeita, conduzindo os germens de moléstias infécciosas, os resíduos das lavagens dos assoálhos do tratamento de feridas operatórias, das úlceras, e tudo quanto secréta um hospital de milháres de doentes. Ha de o senhor achar curioso que a Santa Casa, durante tantos annos, tivésse esgotos independentes, mas é a verdade, que se dava tambem em relação a um grande collégio da praia de Botafogo. Não lhe pôsso assegurar que isto aconteça ainda hoje, porque desenganado de obter resultados das minhas invéstigações, nesse assumpto, deixei-as de mão, e não procurei mais informações sobre elle. Os abúsos têm grande poder, nesta terra, onde se perpetuam, contra todas as indicações do bom senso, da logica e dos factos.

— Que diz ácerca dos banhos em Copacabana ?

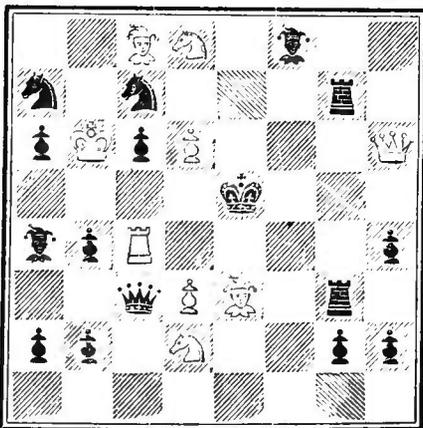
— São excellentes os dessa praia, como os do Leme, os de Ipanema, praias de alto mar, limpas e ventiladas, onde os concúrrentes pódem tonificar os seus pulmões com oxigeneo puro, em primeira mão. Mas, a nossa população, preguiçosa por indole, não se abalança a uma viagem súlutar, preferindo os banhos sujos. E' um verdadeiro serviço á saúde publica, o desaparecimento dos famosos sitios de banho dentro da bahia. O perigo delles é substituído pela avenida marítima, melhóramento de grandes vantagens, contra o qual nada se poderá allegar com fundamento. Se nenhuma outra vantagem produzísse, bastaria, para jústificál-a, essa de acabar com a perigosa pratica dos banhos inféccionados.

E foi essa a essencia de uma conferencia intima, que julgámos de utilidade transmittir aos nossos leitores.

R.

DIVERSÕES

Problema n. 15 -- PRETAS, 13 PÉÇAS



BRANCAS, 9 péças

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

A FICÇÃO E A REALIDADE

A realidade excéde, muita vês, a ficção da phantasia mais arrôjada, na criação de scenas commovedoras.

Nas columnas dos jornaes se encontram, diáriamente, os assumptos mais pathéticos, mais horriéis, mais pittôrescos, que, ao magico e fôrte colorido da penna de um escriptor de talento, dariam capitulos vibrantes de sentimento, de psychologia, de impressões contundentes, de esmagar corações.

E' uma pécha de péssima reputação litterária produzir o que o vúlgo denomina *dramalhões*, romances á Xavier de Montepin, á Paul Féval e outros celebrisados em folhetins infinitos dos rodapés dos jornaes. E, tanto os criticos e censores moêram a escola sensacional, que os escriptores vencidos, si bem que não convencidos, evitaram as scenas de fôrtes efeitos, procurando explórar, friamente, os modelos do que chamavam vida real, vivída, observada, para não incorrerem no peccado de máu gôsto, de velharía, incompatíveis com as tendencias da sociedade moderna.

Mas, o realismo não exclue o pathético, o dramatico, o commovente, o brutal, o sélvagem, o desnaturado, que são o tráço, a feição vária das paixões, sempre as mesmas através dos séculos, dos costumes, do progresso e da civilização da humanidade.

Um escriptor, que explorásse o caso da rua Marquez de Abrantes, poderia produzir um admiravel romance sobre o estafado assumpto do adultério, com episódios inverósimeis e, todavia, conscienciosamente estudado por modelos vivos. *O caso das pedras* contém o entêrcho de um romance com peripécias á Gaboriau, e com elementos excepcionaes para o estudo de uma crise de carácter.

O caso dos 805 contos, finalmente, é um drama feito, com scenas nitidamente delineadas, de efeitos torturantes, como aquella da descoberta do dinheiro escondido: a imaginação mais aguçada não inventaria melhor, nem mais pungente episodio, do que esse onde se exhibem as próvas naturaes do crime. Aquelle minuto de angustia, em quanto os agentes da policia pesquisavam em tórno do luxuoso móvel, cuja peanha se transformára em cofre do segrêdo terrivel, o desesperado estado d'alma dos personagens principaesão shakspeareanos, de intensidade formidavel.

Que seára fáta encontraría o escriptor nesse caso, agóra caracterisado, francamente, com todos os *symptomás* de curiosissima kléptomanía.

Temos, em breve periodo, a nossa vida fluminense a pullular de assumptos commovedores, nos quaes a realidade excéde á ficção, sem pre malsinada pelos criticos.